UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PROIBIDO PRA CHATO

ETNOGRAFIA SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM UM "BAR DE BAIRRO"

EDUARDO D. ZANELLA

PORTO ALEGRE
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PROIBIDO PRA CHATO

ETNOGRAFIA SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM UM BAR "DE BAIRRO"

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.
Orientadora: Dra. Fabíola Rohden

EDUARDO D. ZANELLA

PORTO ALEGRE
2010

BANCA EXAMINADORA

Dr. CALEB FARIA ALVES

Dra. DENISE FAGUNDES JARDIM

Orientadora
Dra. FABÍOLA ROHDEN

AGRADECIMENTOS

Para minha mãe, Marlene, e em memória de meu pai, João. Por todo empenho que tiveram comigo, por me incentivarem e se esforçarem para que eu permanecesse no curso de Ciências Sociais.

À Francine, por me ajudar em minhas inseguranças, sempre conseguindo superá-las e me tranqüilizando.

A meu tio, Gilberto, pelas estimulantes conversas sobre o consumo de bebidas alcoólicas e sobre as possibilidades de estudos de outros modos de vida.

À minha orientadora, Fabíola Rohden, pela atenção que dedicou e pela confiança depositada em mim e no meu trabalho.

Aos meus amigos e fregueses do bar onde realizei esse trabalho. Obrigado pela amizade, pela qualidade das discussões e pela disponibilidade que tiveram para discutir a pesquisa.

A todos meus amigos, em especial Arthur, pelas tarde e noites passadas no bar, e Patrick, por todo auxílio que me ofereceu e por me estimular a trabalhar “em” e “nos” bares.

RESUMO

Esse trabalho é baseado em uma pesquisa etnográfica sobre o consumo de bebidas alcoólicas, realizada de março a outubro de 2010, em um bar popular da cidade de Porto Alegre. As práticas sociais de beber foram analisadas a partir do sentido das regras que as conformam. Por meio das prescrições e proscrições que orientam o beber, o presente estudo pretendeu compreender como as pessoas que freqüentam esse bar constroem suas concepções acerca dos usos e abusos das bebidas alcoólicas. As fronteiras entre o adequado e o inadequado no consumo alcoólico foram pensadas a partir das relações sociais do bar, do jogo de sinuca e dos ideais de masculinidade. Esses foram os elementos mais significativos percebidos em campo para se pensar as relações entre homens e bebidas.

Palavras Chaves:

Álcool, Sociabilidade, Gênero, Etnografia

ABSTRACT

This work is based on an ethnographic research on the alcohol consumption, conducted from March to October 2010, in a popular bar of Porto Alegre. The practices of social drinks was analyzed from the meaning of the rules that conform it. Through the prescriptions and proscriptions of drinking, this study aimed to understand how people who frequent this bar constructed conceptions of the uses and abuses of alcohol. The boundaries between appropriate and inappropriate in drinking were conceived on the basis of social relations in the bar, snooker and the ideals of masculinity. These were perceived as the most significant aspects to think about the relations between man and drinks.

Key Words:

Alcohol, Sociability, Gender, Ethnography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

Capítulo 1 – CHEGANDO AO BAR E SENTANDO-SE À MESA

1.1 - O bar.....11
1.2 - Os fregueses.....13
1.3 - A bebida nas ciências sociais.....16
1.4 - Problematizando fronteiras.....18
1.5 - Caráter sociológico das maneiras de beber.....19
1.6 - Compreensão significativa do beber.....21
1.7. - A antropologia para o consumo de bebidas alcoólicas.....21
1.8 - A etnografia.....24

Capítulo 2 – SOCIABILIDADE "DE BAR"

2.1 - Tempos diferentes.....27
2.2 - O bar dentro do pedaço.....28
2.2.1 - As vantagens do bar.....31
2.2.2 - Beber em público.....33
2.3 – Álcool e sociabilidade.....34
2.3.1 - Formas de sociabilidade.....36
2.3.2 - A sociabilidade como um fim em si mesmo.....37
2.3.3 - Sociabilidade e forma de controle.....38
2.4 - Exclusão e inclusão.....39

Capítulo 3 – BILUS, CAPOTES E FILÉS

3.1 - Os jogos do bar.....43
3.2 - A lógica da partida.....44
3.3 - Partidas emocionantes.....45
3.4 - Unanimidade do bar.....47
3.5 - Por meio do manuseio de um taco e na mira de uma bola 49
3.5.1 - Sinuca e personalidade.....50
3.5.2 - Sinuca e status social.....51
3.6 - Técnicas corporais.....53
3.6.1 - Uma específica forma de perceber e lidar com o excesso.....54

Capítulo 4 – HOMENS, MULHERES E BEBIDAS

4.1 - Várias masculinidades.....57
4.2 - Homens e mulheres.....59
4.3 – Autocontrole.....61
4.3.1 - Vários controles, várias masculinidades.....62
4.3.2 - Beber masculino e o beber feminino.....63
4.4 - O trabalho.....65
4.4.1 - A valorização masculina do trabalho.....66
4.4.2 - Trabalho e lazer.....68
4.5 - Bar e beber como elementos masculinos.....69

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....74

INTRODUÇÃO

"Proibido Pra Chato" é um estudo etnográfico sobre o consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular da cidade de Porto Alegre. A partir de uma perspectiva antropológica, o presente trabalho tenta compreender qual a relação que os indivíduos mantêm com o beber e qual o sentido que atribuem a essa prática.

O trabalho de campo foi realizado no período de março a outubro do ano de 2010, embora o meu relacionamento com as pessoas que compõem o universo de pesquisa seja mais antigo. Conheço o bar e alguns fregueses há aproximadamente cinco anos. Entendo essa relação como parte de minha sociabilidade com as pessoas do bairro, circulo pelo bar com relativa normalidade e sou inclusive convidado para atividades que transcendem seu espaço. São pessoas que tenho prazer em conversar no meu "tempo livre", desfruto de suas companhias de maneira positiva em um ambiente que me é agradável.

Devido a esta proximidade, minha presença no bar foi percebida com informalidade, fazendo com que houvesse momentos de grande descontração durante o trabalho de campo. O clima de diálogo preponderou durante toda a pesquisa, fazendo com que os fregueses desse bar sejam melhor compreendidos enquanto interlocutores do que como informantes. Ou seja, são pessoas com as quais discuti opiniões, idéias e hipóteses e não apenas sujeitos que me informavam sobre determinados aspectos de suas vidas.

Assim, algumas histórias contadas no decorrer do texto são referentes a esse tempo anterior de convivência. Através da postura etnográfica, essas histórias foram re-interpretadas e vistas por um ângulo novo. Desse modo, sempre que menciono algo que aconteceu antes do trabalho de campo propriamente dito, situo tal fato no tempo e no espaço. Visto que os acontecimentos narrados nessa monografia foram discutidos com os envolvidos, não me senti constrangido em evocar esses episódios anteriores. Compreendo que não há motivo para isso na medida em que sempre deixei claro que estava fazendo um trabalho e que se alguma coisa não deveria ser relatada eles poderiam me informar. Também alguns casos narrados no decorrer do texto irão se repetir, isso acontece porque são ilustrativos de conteúdos diversos abordados nesse trabalho.

Omiti a localização exata do bar e o nome verdadeiro das pessoas que o freqüentam. Em primeiro lugar, essa atitude é tomada para preservar o anonimato das pessoas envolvidas. Entendo que essa seja uma posição adequada em função de haver caça-níqueis no local, por ser um bar freqüentado por garotas de programa e por alguns indivíduos fazerem uso de substâncias psicoativas ilegais. Esses fatos são abordados não somente para descrição do

universo de pesquisa, mas também porque possuem peso nas idéias que estão expostas ao longo do texto. Algumas histórias também são muito particulares, e mesmo havendo o consentimento dos interlocutores para inscrevê-las no trabalho, prefiro não informar seus nomes verdadeiros. Sendo assim, chamarei esse estabelecimento de "Bar do Morro".

O bairro onde o bar está localizado é afastado do centro da cidade de Porto Alegre, sendo servido somente por duas linhas de ônibus e uma linha de lotação. Situado no alto de um morro, o bairro é caracterizado por ruas de pouco movimento e pela ausência de centros comerciais onde há fluxo intenso de pessoas. Há bastantes praças espalhadas por suas quadras, o que faz com que sua paisagem seja amplamente arborizada. É, em suma, um bairro de moradia onde há poucos prédios e muitas casas. Os estabelecimentos comerciais são poucos: alguns bares, duas oficinas mecânicas, um armazém, uma ferragem e uma barbearia. Também há um posto de saúde e duas escolas. Essas são representativas da caracterização social e econômica das pessoas que habitam esse bairro. Há uma escola particular, freqüentada por alunos de famílias com maior poder aquisitivo, enquanto que a uma quadra de distância há uma escola pública, onde, de forma geral, estudam os alunos oriundos de famílias em condições econômicas mais deficientes. Trata-se de uma particularidade do bairro: a convivência de moradores provenientes de "camadas médias" com pessoas de "camadas populares". Portanto, também marca intensamente a paisagem desse lugar a proximidade das casas dos primeiros com as moradias mais precárias dos segundos.

O Bar do Morro compreende um armazém, uma lanchonete e o bar propriamente dito, localizado na parte interna do estabelecimento. O acesso a esse espaço é bastante característico no lugar. Trata-se de uma porta "estilo cowboy", como falam os fregueses. Ou seja, duas portas complementares sem maçanetas que não vão nem até o chão nem até o teto, bastando empurrá-las para entrar no local. Ao entrar, se dá de frente com duas mesas de sinuca, localizadas estrategicamente no centro do espaço. À esquerda, se localizam mesas para sentar e pequenos armários em que alguns homens guardam seus tacos de jogo para sinuca. À direita está o balcão, onde há dois objetos peculiares: uma moeda colada de um real (segundo os fregueses, para enganar os bêbados que ficariam tentando pegá-la) e uma placa pendurada de madeira em que se lê "canto do bebum - proibido pra chato", expressão que deu origem ao título dessa monografia. À direita do balcão, em uma sala totalmente fechada, estão os caça níqueis.

O bar em questão pode ser entendido como um negócio familiar: trabalham ali Gérson, dono do estabelecimento, suas duas filhas e seu genro. A maioria da clientela é formada por homens, o que não impede que, além das funcionárias, também haja mulheres

que freqüentem o local. Trata-se de um lugar que faz parte do cotidiano das pessoas que ali passam seu tempo. O Bar do Morro, assim como o jogo de sinuca, o consumo de bebidas alcoólicas e a sociabilidade que ele proporciona, faz parte do dia-dia de seus freqüentadores.

Há diversos "tragos" [1] entre os fregueses, tanto em termos de preferência por determinadas bebidas como pela freqüência de consumo. A grande maioria dessas pessoas bebe todos os dias, alguns com menos constância e uma parcela ainda menor é, por assim dizer, abstinente. As bebidas preferidas são a cerveja e a cachaça. Essa última é tomada como "martelinho" (dose de cachaça servida em um pequeno copo) por meio de diferentes modos: pura, com limão, com ou sem açúcar, com bitter, suco ou refrigerante e através de variações entre esses elementos. O vinho é consumido muito ocasionalmente, geralmente nos dias frios do inverno. As outras bebidas destiladas disponíveis no bar, vodca e uísque, também são consumidas com menos freqüência, sendo consideradas bebidas eventuais.

O trabalho é composto em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Chegando ao Bar e Sentando-se à Mesa*, o universo de pesquisa é apresentado com mais detalhes, acompanhado de questões de cunho teórico metodológico.

Em *Sociabilidade "de Bar"*, segundo capítulo, o estudo é centrado na sociabilidade e no espaço do bar, através de sua relação com outros ambientes de socialização dos fregueses.

O capítulo procedente, *Bilus, Capotes e Filés,* se centra no jogo de sinuca. Essa atividade está relacionada de maneira muito particular ao hábito de beber, se revelando uma via significativa para pensar o consumo de bebidas alcoólicas. Tenta-se compreender o papel desse jogo no cotidiano do bar e o que ele representa nessa relação social.

O quarto e último capítulo, *Homens, Mulheres e Bebidas*, aborda os elementos valorizados na composição das identidades masculinas entre os freqüentadores do bar. A partir disso, esse capítulo tenta compreender como as relações entre os gêneros dão forma às maneiras de beber entre essas pessoas.

[1] "Trago" designa tanto a bebida ("me vê um trago") quanto uma forma de beber ("vou tomar um trago").

Capítulo 1

CHEGANDO AO BAR E SENTANDO-SE À MESA

1.1 O bar

Antes de apresentar com mais detalhes o universo onde a pesquisa se desenvolveu, é interessante descrever a trajetória que me levou a pensá-lo da maneira como estará exposto. No começo do trabalho de campo, a intenção era estudar o consumo de bebidas alcoólicas entre um grupo de indivíduos formado pelos fregueses mais constantes do bar. Porém, ao tentar pensar fronteiras para definir os limites desse grupo, me dei conta da impossibilidade de fazê-lo: as relações entre os indivíduos eram por demais heterogêneas e complexas para achar ali algum tipo de regularidade que me permitisse concebê-los desse modo. Estava caindo naquilo que Magnani (2009) chamou de "tentação da aldeia": tentar reproduzir na pesquisa que lida com pessoas no contexto urbano as condições homogeneizantes encontradas em tribos mais isoladas. Goldman (1999) entende que isso é fruto do caráter de "modelo", pensado enquanto exemplo de um tipo de investigação que as "sociedades primitivas" passaram a ser para a antropologia, um molde para recortar o universo a ser pesquisado.

Em vez procurar fronteiras e delimitar grupos dentro do bar, tornou-se mais viável centrar a etnografia no bar como um todo. Isso fez com que o universo de pesquisa se expandisse: o consumo de bebidas alcoólicas é praticado por todos os fregueses que lá bebem e não somente por aqueles que formariam um grupo mais recluso. Todavia, por conhecer esse bar há mais tempo, possuo uma relação mais próxima e uma maior abertura para o diálogo com a clientela mais assídua e com o público masculino do bar. Isso fez com que as idéias contidas nessa monografia fossem mais intensamente
discutidas com essas pessoas. No entanto, isso não desqualifica o empenho de centrar o estudo no bar como um todo. Esse tipo de situação é intrínseco a qualquer etnografia: não há como termos acesso de igual forma a todos os indivíduos que compõe o universo de pesquisa.

O Bar do Morro é um dito "bar de bairro", expressão utilizada tanto pelos freqüentadores como pelo dono. O termo alude a uma relação mais próxima entre os fregueses. Essa classificação é tomada em oposição aos "bares de avenida" ou "de centro", onde se entende que a rotina é mais rápida e as pessoas que os freqüentam, mais dispersas. Ou seja, tem-se a idéia que nesses locais a clientela do bar passa menos tempo no estabelecimento e não cria, através do convívio cotidiano, laços sociais mais intensos e duradouros. Silva (1978) também atenta para essa diferenciação. O trabalho do autor é

importante por "tipologizar" o botequim de forma que o conceitualiza frente a outras casas de bebida. Suas características principais nessa perspectiva são o número de fregueses constantes e o poder aquisitivo desses:

> "Existem alguns tipos de botequins que não possuem freguesia fixa ou, pelo menos, esta é muito reduzida. Em geral situam-se em vias muito movimentadas, em locais visíveis e de fácil acesso. Costumam vender cigarros, café, lanches rápidos, refrigerantes, etc. (...) Pode-se dizer que o outro subtipo é o botequim "por excelência" (...) suas características são as seguintes: a maioria dos freqüentadores assíduos pertence aos estratos que se costuma chamar "classe baixa" – trabalham na construção civil, como biscateiros, pequenos funcionários públicos, ambulantes, etc, todos com baixo nível de instrução e reduzido poder aquisitivo (...). No que se refere a duração e intensidade de freqüência é o botequim que apresenta maior número de fregueses constantes".
>
> (Silva 1978:83-84)

O Bar do Morro vem passando por sucessivas alterações, sendo a primeira delas a mudança de endereço. Gérson, o dono, mudou o bar para o "outro lado da rua" há uns sete anos. Ali acoplou ao estabelecimento um armazém e uma área externa, em que foi instalada uma cozinha para fazer lanches. Há uns dois anos foi feita uma reforma no bar interno, demoliu-se a parede que dividia esse espaço com o intuito de torná-lo mais amplo. A última novidade foi a instalação de um "telão" [2], colocado para assistir os jogos da Copa do Mundo de 2010.

O bar cresceu de espetinhos vendidos na esquina até o "bar/lancheria" de hoje. Os clientes antigos que remontam a essa época possuem uma espécie de fidelidade, e também de crédito, com o estabelecimento. Apesar das sucessivas modificações no bar e as conseqüentes elevações nos preços, os fregueses mais assíduos não deixam de freqüentar o local. Há uma clara identificação entre o Bar do Morro e a sua clientela. Logo na entrada, por exemplo, observa-se uma colagem de fotos antigas dos principais freqüentadores.

As "atividades" que ali ocorrem são três, todas mediadas pelas conversas e pelo consumo de bebidas alcoólicas. Joga-se sinuca: há uma mesa para jogos descompromissados e uma para jogos "sérios", cujas apostas valem dinheiro. O jogo é aberto a todo público do bar, tornando-se motivo de conversas e desentendimentos que se renovam a cada partida disputada. Quem está jogando sinuca está sempre disponível para chacotas, palpites e brincadeiras.

[2] "Telão" é uma expressão utilizada pelos fregueses. Trata-se de uma televisão de 38''de tela plana.

Também se joga cartas, mais especificamente o jogo escova [3]. Essa atividade é mais reservada que a sinuca, sendo jogada por duas pessoas mais isoladas do "agito". A escova demarca uma relação de amizade mais próxima por ser disputada entre pessoas que já se conhecem e se convidam. É inadequado tentar conversar com quem está jogando ou ficar fazendo intromissões na partida. Já o jogo nos caça-níqueis é mais camuflado entre os freqüentadores, visto que sua prática é legalmente proibida. Mesmo assim não deixa de ser importante na rotina do bar e uma possibilidade de entretenimento. Como as máquinas se encontram em uma sala totalmente fechada, só são utilizadas pelos fregueses mais familiarizados com o bar, que sabem onde elas estão.

O bar possui certa rotina em seus horários. Nos dias de semana, o bar abre por volta das 9h da manhã. Antes do meio dia, contudo, só se encontram no Bar do Morro alguns fregueses "de passada". Esses não ficam mais que dez minutos e vão nesse horário somente para comprar algo no armazém ou conversar um assunto rápido com quem encontram por ali. Nas primeiras horas da tarde já chegam algumas pessoas que sentam às mesas e pedem alguma bebida. Geralmente são aposentados e é por essa hora, em função de haver poucas pessoas no bar, que acontecem os jogos de carta. É nesse horário que eu também aparecia no estabelecimento, quando queria conversar com alguém de modo mais reservado e particular.

Pelas cinco horas o bar começa a abrigar mais clientes. A rotatividade de fregueses passa a ser grande, as conversas são em tom de voz mais alto e passam a integrar mais pessoas. O pico do lugar, em termos de agitação, é por volta das sete horas da noite. É nesse horário que são jogadas as grandes partidas de sinuca, que o bar fica mais "cheio" e que se consome a maior quantidade de bebidas alcoólicas. É raro alguém chegar ao bar a partir das 21h, nesse horário os fregueses já vão indo embora, e às 22h o estabelecimento fecha. Já aos sábados o movimento mais intenso de fregueses se estende até um pouco mais à noite, até às 22h. Aos domingos o bar é um lugar mais pacato, com poucas pessoas dispersas pelas mesas. É também nos finais de semana que se encontram mais mulheres pelo estabelecimento.

1.2 Os fregueses

Ao não intuir que os freqüentadores do Bar do Morro se articulam na forma de um grupo, é mais correto compreendê-los enquanto uma rede social. Segundo Elizabeth Both

[3] No jogo de escova cada participante recebe quatro cartas. O objetivo é somar 15 através da junção de uma carta da mão com as cartas "públicas", que estão "na mesa". Há uma série de regras, como cartas e naipes que valem mais pontos, porém o objetivo geral é somar a maior quantidade de cartas.

(1976), a rede difere do grupo por não ser organizada e homogênea, estabelecendo relações sociais de forma mais ampla. A expressão "rede social ilimitada" de Barnes (1987) é apropriada nessa pesquisa. Nessa perspectiva, qualquer pessoa que faça parte do universo de pesquisa é parte integrante da rede.

A noção de rede social é usada na antropologia tendo em vista a análise e a descrição de processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias (Barnes 1987). Entendo por rede, então, o conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos. Deste modo, ainda que seja importante entender os fregueses do Bar do Morro em forma de rede social, para dar a idéia de que não formam um grupo coeso, não irei entrar em discussões específicas do conceito, como por exemplo, seu grau de densidade (Barnes 1987) ou se ela é de "malha estreita" ou "malha frouxa" (Both 1976). Isso porque esse conceito é pensando nesse trabalho enquanto uma categoria descritiva e não analítica.

Apesar de essas pessoas estarem relacionadas na forma de rede social, dentro do bar há a formação de pequenas "rodas de conversas" mais circunscritas. Isso, no entanto, não quer dizer que as pessoas não venham a ter relações com outros indivíduos localizados em outros círculos sociais dentro do bar. Essas concentrações menores geralmente são tênues e muito variáveis, havendo um fluxo muito grande de deslocamento de indivíduos entre as conversas. Portanto, apesar de a sociabilidade no bar por vezes acontecer na forma de círculos menores de relação, a todo o momento os indivíduos "passeiam" pelo estabelecimento, se relacionando uns com os outros.

Entendo os indivíduos situados no universo de pesquisa como pertencentes a "camadas populares". Essa categorização é tomada a partir de suas próprias percepções sobre suas condições sociais e pela concepção deles sobre a minha situação enquanto um sujeito de "classe média". Duarte, ao trabalhar com "classes trabalhadoras", também adota esse termo baseado nas formas como os sujeitos expressam a partir dessa condição, de depender exclusivamente do próprio trabalho para a reprodução social, sua "marca precípua de auto-identificação positiva" (Duarte 1986:10).

Esse critério está de acordo com a "flexibilização" da noção de cultura como sistema simbólico tomado pelo autor para pensar diferenças entre segmentos sociais em sociedades complexas. Segundo Duarte, os postulados de universalização, totalização e coerência do conceito de cultura enquanto "chave simbólica" são inadequados para dar conta de uma realidade dividida em diversas identidades e marcada pela reprodução da diferença e de ilegitimidades (Duarte 1986:123). Frente a isso, propõe que a idéia de sistema simbólico seja

entendida de modo flexível, para que os diversos níveis em que o recorte do observador se detém possam ser chamados e entendidos enquanto "cultura". Torna-se viável dessa maneira falar em "cultura operária", "cultura popular", e "cultura das classes trabalhadoras", etc. [4]

Tais recortes exigem, por sua vez, um referente sociológico (Duarte 1986). Porém, o que irá determinar esses referenciais serão os sistemas simbólicos que os subentendem. Duarte está pensando na existência de níveis de "compartilhamento cultural" dentro de sociedades modernas. Assim as "unidades sociológicas" (grupos, etnias, famílias, classes, etc.) são dessusbstantivadas, a fim de serem compreendidas pelas significações que têm para as pessoas que as vivenciam (Duarte 1986:125). Por isso, então, a importância de perceber como os sujeitos situados no campo expressam as distinções sociais e a que fronteiras simbólicas elas fazem referência.

Digo que são sujeitos oriundos de "camadas populares" para tentar demonstrar o contexto em que a etnografia se desenvolveu e as pessoas com as quais lidei. Para mim essa interpretação sempre foi clara na medida em que essa distinção veio dos interlocutores. Várias foram às vezes em que ouvi alusões à condição "difícil" e "precária" de suas vidas e, em momentos mais informais, ao caráter "tosco" e "chinelão" [5] do bar e dos próprios fregueses. Silva faz semelhante referência no seu estudo sobre botequim:

> "Existe uma nítida noção de inferioridade em quase todos os aspectos da vida cotidiana (...). Assim, por exemplo, "bacana" significa a pessoa que tem mais dinheiro que os fregueses, em melhor condição financeira. "Doutor" indica, de um lado, a pessoa "que tem estudo" e, de outro, aquela que ganha muito dinheiro executando um trabalho fácil. Estes e outros termos servem para designar genericamente as pessoas de classe social mais alta que a dos fregueses, sua utilização depende do assunto que está sendo tratado no momento".
>
> (Silva 1978:104)

Todavia, não acho que se trate de uma "noção de inferioridade" que esteja sendo expressa. No convívio que tive com esses homens, tais situações sempre apareciam para afirmar sua experiência enquanto segmento social e sua especificidade enquanto tal. Eram os aspectos positivos dessa condição que emergiam quando falavam, por exemplo, que apesar de não possuírem salários altos, a situação era contornada através da amizade e do mútuo auxílio, evocando certa idéia de coletividade. Ou também alegando que seus trabalhos são

[4] Luis Fernando D. Duarte também faz um apanhado de como "os estratos inferiores" da sociedade foram analiticamente tratados pelas Ciências Sociais ao longo de seu desenvolvimento (Duarte 1986).

[5] "Chinelão" é uma expressão utilizada pelos fregueses. Designa um aspecto popular, barato e acessível ao que se quer caracterizar.

"difíceis", que exigem uma forma particular de conhecimento e que muitas pessoas provenientes de segmentos sociais privilegiados não teriam capacidade de realizar.

Nesses aspectos, de alusão a uma idéia de coletividade e de valoração por uma forma singular de trabalhar, o trabalho de Duarte é novamente pertinente. De acordo com o autor, a cultura das classes trabalhadoras urbanas é fundamentalmente hierárquica e holista em (e principalmente por) oposição à "ideologia individualista, que referencia a versão letrada e ideal da cultura moderna" (Duarte 1986:135). Holista no sentido de aludir a uma preeminência explícita e direta do "grupo" ou "comunidade" sobre aquilo valorado como "individualidade"; e hierárquica no sentido de diferencialidade e relacionalidade marcada pela oposição aos valores da classe média (na valorização do tipo de trabalho, por exemplo).

Os freqüentadores do Bar do Morro são, então, majoritariamente homens. Trabalham como pedreiros, eletricistas, mecânicos, cobradores de ônibus, motoristas, jardineiros, funcionários públicos, operários, marceneiros, etc. Na sua maior parte são empregos de baixa remuneração, existindo, porém, uma minoria, de umas quatro pessoas, com rendimentos mais elevados, considerados como sujeitos "bem de grana". De forma alguma esses são hostilizados ou excluídos em função disso. Pelo contrário, por possuírem uma renda mais elevada são estimados por se envolverem nas relações sociais do bar.

1.3 A bebida nas ciências sociais

Não tenho pretensão aqui elaborar um amplo mapeamento dos estudos sobre álcool nas Ciências Sociais. Entretanto, para situar o presente trabalho e para expor as principais referências, é importante mencionar os aspectos gerais do desenvolvimento dessa temática.

Alzuguir (2010) propõe que na década de 1940 começam a surgir na antropologia os primeiros estudos sobre álcool. Entretanto, os trabalhos antropológicos sobre bebidas só irão se constituir em um campo de categoria analítico na década seguinte, a partir dos anos 1950 (Neves 2004). Nesse contexto, os antropólogos fazem a crítica aos efeitos negativos do uso do álcool na "cultura folk" de sociedades não ocidentais e não industrializadas[6].

A partir de 1970 a antropologia expande as análises sobre o beber para "sociedades modernas". Com a inclusão de dados e fontes de especialistas da área médica, os recortes se dão principalmente sobre as classes trabalhadoras e médias. Antropólogos se integram a equipes de serviço de clínicas de saúde e a centros acadêmicos sobre o tema, se juntando a

[6] Para uma revisão mais apurada da temática ver: Neves (2003, 2004).

outros profissionais para estudar o álcool através de seu uso considerado patológico. Esses estudos então associam o consumo alcoólico à desagregação social através da sua ligação, por exemplo, a fenômenos como o desemprego e a desestruturação familiar.

A partir dessa conjuntura, surge um debate pela relativização da dimensão do problema (Neves 2004). A relação anomia/alcoolismo é proposta em outro sentido que os trabalhos associados à perspectiva médica: o primeiro fenômeno passa a ser encarado enquanto fator causante do segundo, e não como conseqüência deste (Neves 2004). É ressaltada também a necessidade da relativização do termo alcoolismo, devendo-se atentar para sua historicidade. Ao afirmar a condição cultural do beber, a antropologia nesse momento está em contraste com a epidemiologia. Essa perspectiva se consolida na medida em que a etnografia abrange as sociedades e segmentos sociais dos próprios antropólogos (Neves 2004). Um trabalho marcante nesse contexto é a coletânea de textos organizados por Mary Douglas: *Constructive Drinking: Perspectives on drink from anthropology* (1987). Nesses estudos, o consumo de álcool é visto no seu potencial para o entendimento de formas de pensamento e ação que orientam o comportamento social.

Na França, Neves (2004) também afirma que há o esforço para construção de uma perspectiva para o estudo do consumo de bebidas alcoólicas. O objeto é caracterizado pelos diferentes modos de ingestão de bebidas a partir das práticas sociais implicadas, dos valores subjacentes e da sociabilidade. Há uma recusa por parte desses estudos à incorporação de categorias médicas, enquadrando a equação "alcoolismo e doença" em contextos específicos.

No Brasil, uma referência importante é o artigo de Silva (1978). O autor busca apreender os significados do botequim, o que esse tipo de estabelecimento representa e para que segmento da sociedade. Silva elabora uma descrição das relações sociais no bar, demonstrando como se organizam as pessoas dentro desse estabelecimento. Discorre também sobre a visão de mundo dos freqüentadores, concluindo que freqüentar o botequim seria um esforço por se integrar em uma sociedade urbana industrializada (Silva 1978).

Outro trabalho importante para o presente estudo, que tem nos bares parte do universo de pesquisa é "Jogo de Corpo (1997) de Guedes. A autora chega a esses locais com a intenção de compreender a identidade masculina de homens trabalhadores. Esses locais aparecem como espaços privilegiados onde essas identidades são negociadas e postas em jogo. Mesmo não sendo seu objetivo principal, reflete sobre o que esses trabalhadores entendem por "alcoólatra" e quais os limites do beber. Para a autora, desde que o hábito de consumir bebidas alcoólicas entre camadas populares não interfira nos papéis e responsabilidades de homem/trabalhador, tal prática não é considerada negativa. A dissertação de mestrado de

Jardim, "De Bar em Bar" (1991), é outra referencia nessa pesquisa. A autora também objetiva problematizar a construção de identidades nos bares, centrando seu foco na dimensão de gênero. Demonstra, a partir das falas dos homens situados nos "botecos", como nesses espaços se articula a construção de uma identidade masculina.

Os trabalhos etnográficos sobre bares também estão preocupados com as formas de lazer dos indivíduos na cidade. O tempo passado no bar é percebido como oportuno para se pesquisar visões de mundo, comportamento, relações sociais, etc. Contudo, o estudo sobre lazer nem sempre foi considerado como prioritário para as Ciências Sociais. É com a reabertura democrática e a emergência de camadas populares como um novo ator político que a antropologia passa a se interessar sobre seus modos de vida, o que pensam, fazem e de que forma. (Magnani 2009). Um trabalho importante nesse contexto é o de Magnani "Festa no Pedaço - Cultura Popular e Lazer na Cidade" (1984). O tempo de lazer é visto como privilegiado para a compreensão dos modos de vida das pessoas em função da disponibilidade de escolha frente a inúmeras possibilidades de divertimento. Tal processo diz respeito a uma mudança mais profunda nas Ciências Sociais. É quando o tempo destinado ao prazer não é mais visto como uma dimensão da dominação de classe que as atividades cotidianas e a escolha por uma forma específica de passar o tempo livre passam a ter maior relevância para a antropologia.

1.4 Problematizando fronteiras

Comecei a pensar em estudar consumo de bebidas alcoólicas em função de certo ceticismo e desconforto quanto aos "testes de alcoolismo" vinculados por periódicos médicos e por organizações de saúde. Tais testes são supostamente baseados em um saber médico que reivindica a capacidade de mensurar o grau de dependência alcoólica de um indivíduo através de perguntas referentes a quantas vezes se bebe por dia, por semana, em quais ocasiões, etc [7]. Através das leituras, me dei conta que se o fenômeno do alcoolismo era muito mais complexo do que um questionário poderia dar conta, o consumo de bebidas alcoólicas era um fenômeno ainda mais abrangente.

Houve a motivação para elaborar um projeto nessa temática ao me dar conta que há a freqüente reflexão por parte das pessoas que freqüentam o Bar do Morro sobre seus "hábitos alcoólicos". Como escreveu Guedes (1997), o comportamento excessivo não é considerado

[7] Maurício Fiore (2002) e a Revista Veja, 07/09, matéria "A bóia da prevenção", expõe alguns desses testes.

um tabu nas "conversas de bar". Afirmações sobre o que é adequado e o que não é, as maneiras de etiqueta de como evitar o bebedor problemático e o auto-policiamento no beber são todos assuntos freqüentes e familiares para quem compartilha do cotidiano do Bar do Morro. Dessa forma, a pesquisa trata de problematizar as fronteiras entre aquilo que pode e aquilo que não pode no consumo de bebidas alcoólicas.

Assim fui a campo com uma série de indagações relativas ao que é o prescrito e o proscrito no consumo de bebidas alcoólicas: o que, no universo de pesquisa, constitui o positivo e o negativo, o adequado e o inadequado no beber? O que demarca o excesso? Que valores estão atribuindo sentidos a essa noção? Que riscos são percebidos no consumo de bebidas alcoólicas?

1.5 Caráter sociológico das maneiras de beber

O objeto da pesquisa são as concepções dos interlocutores acerca da prática social e cotidiana do consumo de bebidas alcoólicas: seus entendimentos do que configura o uso e o abuso dessas bebidas. Definindo conceitualmente, são as "maneiras de beber" no universo em questão. Neves formula: "construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem proscrições e prescrições" (Neves 2003:79).

O consumo alcoólico é considerado social quando, dotado de regras, é regido por valores que dizem respeito às pessoas que o praticam. Nesse sentido, é em função da própria condição social da ingestão de álcool sob a possibilidade da embriaguez problemática que há a construção de regras restritivas a essa alternativa (Neves 2003). Essas regras vão englobar quem deve e quem não deve beber, em que contexto e na companhia de quem. A prática do consumo alcóolico está então inserida num conjunto de valores, representações e organizações sociais. Essas nunca são as únicas possíveis, cada sociedade vai elaborar momentos, bebidas e lugares propícios para o consumo alcoólico.

O conceito proposto por Neves (2003) engloba tanto o "beber positivamente" quanto o "beber negativamente". Ambas as concepções são pólos antagônicos de uma mesma "maneira de beber". Portanto, as transgressões não podem ser entendidas se apartadas das prescrições (Neves 2003). O uso problemático do álcool está incluído como uma possibilidade dentro das maneiras de beber vigentes: os divergentes partilham dos mesmos valores que os não desviantes. A qualificação do problemático, dessa forma, é a denúncia coletiva da transgressão (Neves 2003). Essa discussão dá margem para a opção metodológica de procurar

tanto o adequado quando o inadequado no universo de pesquisa, percebendo que valores sociais dão sentido a essas concepções.

Nesse ponto, Gilberto Velho (1985) levanta uma questão elucidativa. Para o autor, não é que os desviantes se encontrem situados fora das formas culturais vigentes, não são divergentes por possuírem outros referenciais simbólicos. Por outro lado, esses indivíduos fazem uma leitura diferente da cultura, possuem outra interpretação das regras sociais. Nessa perspectiva, o desviante não existe em si mesmo, mas na relação de acusação com o outro. Os grupos sociais, então, criam o divergente ao estabelecer regras cuja infração qualifica o desvio (Velho 1985). Essa discussão é importante para perceber que o sujeito que diverge nos modos de beber pode não o fazer em outros aspectos da vida social.

A constatação de que práticas coletivas são presididas por regras demonstra o caráter sociológico dessas práticas. Em o "Ensaio sobre a Dádiva", texto de Marcel Mauss (2003), observa-se que o isolamento de certos fatos sociológicos se justifica pela sua condição obrigatória. As várias formas de reciprocidade em diversas sociedades podem ser estudadas na sua especificidade sociológica através da obrigação de dar, receber e retribuir presentes. Isso não significa que o estudo tenha que focalizar somente o caráter normativo de uma regra, atribuindo às maneiras de beber um caráter exclusivamente coercitivo. O ensaio de Mauss é fundamental exatamente por considerar a reciprocidade além de sua condição normativa, percebendo que a regra de reciprocidade pode garantir que um sistema de comunicação funcione (Badcock 1976).

Ao problematizar as regras que conformam as práticas sociais não pretendo elaborar uma interpretação que as pense estritamente em seu caráter coercitivo. É importante notar que as positividades e negatividades são conformadas por valores que são compartilhados por aquelas pessoas, fazendo com que as regras sejam dotadas de sentido. Entendo que é através da compreensão do que é o prescrito e o proscrito que se pode objetivar o que os homens buscam e o que evitam em suas relações com o álcool. Saber as fronteiras entre o adequado e o inadequado é um meio para entender o significado daquela prática na medida em que se compreende o que os indivíduos almejam e do que pretendem se distanciar no beber.

É então importante perceber quais são as positividades que o álcool traz para a sociabilidade em questão, mas não para a partir disso explicá-lo ou compreender seu sentido. Não se vai encontrar uma razão suficiente que expresse porque aqueles homens vão ao bar, consomem bebidas alcoólicas e apostam dinheiro da maneira como o fazem Os costumes e os hábitos não podem ser avaliados por suas necessidades instrumentais, pois a cultura possui uma autonomia fundamental em relação a essas (Sahlins 2003). Ao conduzir a reflexão desse

modo, quando não se achar uma razão suficiente para os indivíduos beberem no bar, irá se entender essa prática como desprovida de sentido. Compreender as positividades do álcool naquela sociabilidade então é o meio e não o fim para esse trabalho antropológico.

1.6 Compreensão significativa do beber

A pesquisa objetiva construir um mapeamento dos valores que norteiam o consumo alcoólico. De forma mais ampla, se pretende compreender quais as relações que essas pessoas mantêm e desenvolvem com as bebidas. Quer dizer, como a prática social de beber é significada dentro da experiência cotidiana daqueles homens. Espero desse modo também perceber como esses homens constroem seus próprios entendimentos sobre o beber, a que valores essas noções estão atreladas e que conduta referenciam.

Na formulação do projeto, essa discussão estava assentada no pressuposto da existência de um "código moral" propriamente dito e de formas de subjetivação a esse código: a norma e o comportamento real dos indivíduos em relação a essa norma. Contudo, a dicotomia entre esses dois elementos produz uma reflexão em que as regras estão opostas à ação. Assim têm-se dois objetos em conflito: a normal cultural, primeiro objeto, coagindo e freando o comportamento real, segundo objeto (Sahlins 2003).

Tal pressuposto troca o conteúdo significativo de uma prática por sua verdade funcional, privando a cultura de sua qualidade simbólica (Sahlins 2003). Trata-se então de compreender o que é valorizado pelas pessoas que freqüentam o Bar do Morro e quais as relações entre esses elementos. Em outras palavras, como o consumo de álcool é vivenciado através de suas regras, e não contra elas.

Mesmo tendo nas maneiras de beber o objeto de pesquisa e no objetivo a compreensão significativa dessa prática, não se pode pretender isso sem relacionar o beber a outros aspectos próprios daquele tempo e espaço do bar com os quais a bebida possui relação. Assim a sociabilidade masculina, sinuca, trabalho, lazer, corporalidade, etc. são pensados na relação com o consumo alcoólico.

1.7 A antropologia para o consumo de bebidas alcoólicas

Essa pesquisa trata do consumo de bebidas alcoólicas enquanto fenômeno cultural, como uma prática constituinte de laços sociais (Douglas 1987). Entendo que é nesse sentido que a antropologia pode dar uma contribuição valiosa no que diz respeito aos estudos do

álcool: uma abordagem qualitativa tem a possibilidade de fornecer um entendimento mais abrangente sobre o beber, valorizando o pensamento das pessoas em relação a essa prática. Isso significa entender o bebedor problemático dentro de seu específico contexto, como um sujeito que ocupa um lugar particular dentro daquelas "maneiras de beber". Portanto, o ato social de beber deve ser estudado levando-se em conta os "sistemas de crença no controle do comportamento e da socialização" (Neves 2003:80).

Pressuposta à escolha do bar se escolheram os "adeptos do álcool", na linguagem de Silva (1978:111). Para realizar um estudo que trate da doença alcoolismo, uma melhor opção metodológica seriam os grupos antialcoólicos, que tomam para si esse rótulo (Neves 2004). Claro que dentro desses objetivos as noções de beber problematicamente e a questão da transgressão são postas em jogo. Porém, até que ponto essas transgressões se enquadram para os interlocutores como um quadro de dependência categorizado pelo termo "alcoolismo" é uma questão que pode ser abordada pela etnografia, e não pressuposta a essa.

Nesse sentido, é fundamental perceber a historicidade do surgimento da expressão "alcoolismo" enquanto sinônimo de doença, tendo em vista todo o contexto político e social em que esse conceito emergiu. De acordo com Neves (2004), tal categoria é fruto da consolidação de uma ideologia individualizante que acompanhou o desenvolvimento das sociedades urbanizadas. Ao levar em conta seu caráter histórico e social, percebe-se que de forma alguma essa noção é naturalizada na sociedade. Compreender o beber como uma prática na sua especificidade social já pressupõe diferentes interpretações sobre seus usos e abusos. Portanto, o termo "alcoólatra", como condição do sujeito portador da doença alcoolismo, não pode ser tomado como base fixa para compreensão das relações dos indivíduos com as bebidas alcoólicas.

Gilberto Velho (1981) levanta um ponto interessante nessa discussão. Para o autor, um problema do estudo de sociedades complexas é o da convivência entre diferentes segmentos sociais. Problema que remete à própria natureza do conceito de cultura: o que é particular (diz respeito a um grupo ou segmento social) e o que é universal (conjunto de símbolos homogeneizantes)? A fim de percebermos dentro dos diferentes segmentos sociais as fronteiras simbólicas que os definem, é necessário identificarmos os temas valorizados e as escalas de valores compartilhados. Ou seja, perceber onde podemos achar experiências suficientemente significativas que dão sentido a essas fronteiras. Assim, descontinuidades sociais vão corresponder a diferenças no uso da linguagem e na expressão cognitiva: como os indivíduos expressam suas emoções e sentimentos através da linguagem verbal são indicações

da experiência e das fronteiras simbólicas de indivíduos localizados em segmentos sociais específicos.

É nesse ponto que acho importante a discussão do termo alcoolismo com a realidade na qual me deparei. De acordo com Gilberto Velho (1981), têm de se delimitar os campos de comunicação que serão maiores ou menores em função do grau de universalização da linguagem utilizada. A noção alcoolismo pode não fazer sentido para indivíduos que possuem suas concepções calcadas em outro tipo de linguagem e outros domínios culturais. Não se quer dizer com isso que essas pessoas não desenvolvam dependência química e não vejam no álcool uma substância com esse potencial. Mas sim que essas questões, nesses termos, não são problemas centrais.

Nesse sentido, as formas como essas pessoas se referem ao álcool e a todos os elementos relacionados a essa substância (o beber, os bebedores, o bar etc.) é indicativa de suas experiências com o consumo de bebidas alcoólicas. A expressão "alcoolismo" praticamente não surgiu em campo. No entanto, entrei em contato com um vasto campo semântico sobre situações específicas do cotidiano do bar. "Morder" alguém, por exemplo, é conseguir dinheiro emprestado; "exu" é quem sempre está pedindo dinheiro; "filé" é um sujeito muito fraco na sinuca, "zabu" é chamado o sujeito que dá muitos palpites no jogo de sinuca de outras pessoas, "a mil pelo Brasil" ou "embalado" são expressões que designam o sujeito a caminho de ficar bastante embriagado, etc. Isso é ilustrativo dos temas valorizados por esses indivíduos e do modo como elas compreendem e lidam com os fenômenos da vida social.

Trabalhos que dirigem seus esforços para as "maneiras de beber" correm o risco de "glamourizar" a dependência alcoólica através da relativização irrestrita desse consumo. Como afirma Jardim (2004), isso pode acontecer ao relevar o sofrimento e a angústia dos que se encontram nesse estado. Na tentativa de fugir da categoria "alcoólatra", estudos podem acabar por reafirmar esse conceito ao procurar "bebedores problemáticos" para compor o universo de pesquisa. Entendo que tal crítica pode ser feita a trabalhos que, dentro dos objetivos de mapear o consumo de bebidas alcoólicas, não conseguem identificar em que constitui o beber problemático dentro das maneiras de beber em questão. É uma crítica válida a trabalhos que, com objetivos de estudar o fenômeno do alcoolismo, vão ao espaço do bar procurar "alcoólatras inveterados", transformando-os em "informantes em potencial" (Neves 2004).

Esse trabalho procura entender o "bebedor problemático" dentro do contexto onde estão inscritos seus modos de consumo alcoólico. É necessário entender quais regras foram infringidas para que um indivíduo seja assim acusado, e isso só se da através da relativização

da prática social de beber. Assim como não se deve tentar entender os grupos antialcoólicos através de categorias contextualizadas no "bar", também não se deve compreender o beber nos bares através de categorias dos antialcoólicos (Alzugir 2010). Dentro disso, a escolha metodológica por praticantes do consumo social de bebidas alcoólicas me pareceu uma opção coerente.

1.8 A Etnografia

A etnografia, enquanto base para a pesquisa antropológica, não pode ser entendida como um mero conjunto de técnicas que podem ser destacadas de uma reflexão maior sobre a unidade do trabalho. Não se pode separar o método, esquema conceitual e a particularidade do objeto de pesquisa (Magnani 2009). Assim as afirmações feitas sobre o método etnográfico dizem respeito somente a esse estudo. De forma alguma se pretende generalizar as proposições, elaborando uma espécie de julgamento sobre o que é e o que não é "ser etnográfico". Através da leitura de outros autores, trata-se de um entendimento particular meu e de como isso é posto em prática na pesquisa.

Entendo a etnografia como uma específica postura intelectual (Geertz 1989) em que há a aprendizagem de categorias êmicas através de teorias de longo alcance. É um esforço para apreender de acordo com o próprio aparato intelectual a lógica e as categorias próprias do campo através de um projeto de convívio próximo (Magnani 2009). Partindo disso, o campo não existe por si só, pronto para "ser desbravado", mas é produzido através da postura etnográfica. Fazer etnografia, então, não é só "estar junto" com os informantes, mas sim, a partir de um situamento específico dentro do universo de pesquisa, entrar em contato com uma realidade imediata e produzir uma reflexão teórica, não havendo uma separação entre esses momentos (Magnani 2009).

Essa reflexão torna-se essencial no caso de meu campo. Como se trata de um universo em que possuo contato anterior, foi a partir do desenvolvimento dessa postura, conjuntamente com o começo das leituras sobre a temática, que o "campo" se consolidou. Desse modo que questões se formaram e antigos acontecimentos, histórias e impressões foram repensadas dentro de uma nova perspectiva. De certa forma, eu já "estava junto" daquelas pessoas, porém me faltava essa reflexão, a postura etnográfica de atenção permanente. Esse re-situamento me forneceu o estranhamento que necessitava frente a essa rede de indivíduos que me era familiar.

Aqui foi necessária a relativização da dimensão de distância no estudo antropológico. O fato de esse universo me ser familiar não significou que é "conhecido", nos termos colocados por Gilberto Velho (1978). Conhecer os códigos sobre o consumo alcoólico não significa que compreendo a visão de mundo dessas pessoas, seus pontos de vista e as regras sociais que estão por trás do beber. Isso ficou mais claro à medida que o campo avançou, em que percebi que os estilos de vida dos interlocutores, seus entendimentos sobre o tempo passado no bar, suas relações entre si, todos esses aspectos eram muito diferentes de como eu os entendia. É em função dessa postura etnográfica que também consegui estranhar certos comportamento e expressões ocasionais. A etnografia não se resume ao simples método do trabalho antropológico, ela é a própria condição desse tipo de conhecimento. E no caso desse trabalho, não poderia surgir desvinculada dessa postura.

A variação de sociedade para sociedade (e também no seu interior) das maneiras de beber referencia a descrição etnográfica para abordagem dessa temática. A etnografia dá suporte para a pesquisa partir do reconhecimento da diversidade a fim de nela buscar especificidades (Neves 2003). Tal abordagem também pode fornecer um conhecimento original e válido sobre as noções de excesso, inadequação, positividade, etc. no tocante ao consumo de bebidas alcoólicas. Essas são noções muito particulares, que dizem respeito a uma específica relação que as pessoas desenvolvem com as substâncias psicoativas de suas preferências. Assim, a etnografia tem a possibilidade de captar as nuances e os meandros dessas relações.

Um dos pontos positivos de desenvolver uma etnografia no Bar do Morro é por ali haver múltilplas possibilidades de envolvimentos. Assim, por exemplo, é possível observar os jogos de sinuca, as conversas e todo o movimento do bar sem causar maiores estranhamentos às pessoas que ali estão. Também não há necessidade de maiores convites nem constrangimentos para sentar em uma mesa e conversar com alguém que se acaba de conhecer. Em suma, não há impedimentos para participar ativamente da sociabilidade do bar.

Portanto, a observação participante foi largamente utilizada nessa pesquisa. Como se trata de uma relação próxima que mantenho há bastante tempo com essas pessoas, tive suficiente entrada em campo para desenvolver essa técnica. Também em função de essa ser uma sociabilidade cotidiana, a base para essa pesquisa foram as conversas e a observação direta dos acontecimentos através de um convívio próximo e freqüente ao bar. A convivência constante com essas pessoas em seus momentos de lazer, assim como o convívio anterior, foi significativa para o desenvolvimento de um diálogo mais amplo.

Utilizou-se também o recurso da manutenção de um diário de campo. Entendo que essa técnica foi particularmente importante para etnografia que desenvolvi. A leitura posterior

do que escrevia me proporcionou um distanciamento em relação a esse ambiente que já me era familiar. Também em função da não utilização de gravadores, por achar inapropriado esse tipo de instrumento no bar, o registro dos acontecimentos, frases e impressões no diário de campo se mostrou um importante recurso para o trabalho etnográfico.

Capítulo 2

SOCIABILIDADE "DE BAR"

2.1 Tempos diferentes

Visto que eu estava por volta de três meses sem visitar o Bar do Morro freqüentemente, nas primeiras idas ao campo a intenção de desenvolver a pesquisa não foi prontamente revelada. Estava tentando novamente me tornar uma figura familiar naquele ambiente, a fim de que a proposta por realizar um estudo não soasse tão estranha e descabida. Quando então expus minhas intenções, contei que estava me formando pela faculdade e que isso implicava em um trabalho de conclusão de curso no último semestre da graduação. Seguia falando que desejava realizar esse trabalho com as pessoas ali do bar, onde ia querer escrever sobre as bebidas, suas relações de amizade, o cotidiano do local, etc. Todo esse tato, receio e timidez foi um tanto desproporcional. A recepção para pesquisa foi positiva e até onde eu consegui perceber ninguém ficou incomodado, no máximo, curiosos.

Na tentativa, às vezes frustrada, de explicar o que é antropologia e qual a sua finalidade, recebia variações de uma mesma resposta: "não tem problema nenhum, se isso é importante pra ti a gente fala e 'dá entrevista' com o maior prazer". Com o tempo, o fato de que eu estava ali pesquisando acabou se naturalizando. Ao menos foi o que senti quando as próprias pessoas tomavam a iniciativa de vir a mim e discutir o trabalho.

Foi nesse início do trabalho de campo que notei que havia certa dificuldade de comunicação entre eu e aquelas pessoas que estavam no bar. Isso se fez sentir devido ao interesse nas sutilezas de suas falas, marcadas por expressões específicas e pelos pequenos detalhes contados nas histórias. O ritmo da conversa dificultava a compreensão do que era dito: é fala ora rápida e ora devagar, ora recheada de exemplos, outras vezes direta e ríspida, com expressões e um tom comunicativo que eu não domino. Entre eles, por sua vez, o entendimento era completo, todos sabiam as maneiras como uma história ia ser contada, o significado das expressões mais específicas, os apelidos dos personagens envolvidos, etc.

Senti esse estranhamento também em relação ao tempo em que eu e aqueles homens passávamos no bar. O tempo "deles" é muito diferente do "meu", de forma que parecia que estávamos no bar em diferentes temporalidades. Tal sensação se percebia, quando, por exemplo, o sujeito falava que estava "de saída" e ainda demorava por volta de quarenta minutos para de fato se despedir do bar. Enquanto que eu quando estou "de saída", não demoro mais que cinco minutos para, de fato, ir embora. De uma forma geral, o tempo dessas pessoas no bar era

muito mais expandido que o meu. De acordo com a minha percepção, eles passavam *muito* tempo lá: vão ao bar todos os dias e durante várias vezes; nos sábados chegam a passar desde cedo da tarde até tarde da noite. Isso se deve ao fato da grande maioria dos fregueses morar ou trabalhar perto do bar. Quando saem de casa, seja para ir comprar comida, "dar uma volta", chegar ou sair do trabalho, ou por qualquer outro motivo, passar no Bar do Morro não exige grandes esforços. Também em função de grande parte dos fregueses ter trabalhos temporários, é comum vê-los quase todos os dias pelo bar quando não estão trabalhando. E mesmo quando "arranjam" um ofício, o bar sempre "é caminho" para ir e voltar desse.

Devido a esse estranhamento de tempos, houve situações de embaraço durante a convivência do campo. Quando eu avisava, por exemplo, que estava "de saída" e a pessoa que estava conversando comigo continuava a falar e me contar histórias sem perceber que eu realmente estava indo embora naquele exato momento. Penso essa experiência como um "choque de temporalidades", que a meu ver, expressa bem o que acontecia nessas situações. Tal sensação é fruto das diferentes formas de como o bar é concebido e utilizado. Para Roberto DaMatta (1997) a concepção de tempo deve ser pensada na relação com a concepção de espaço, entendendo essas duas medidas como categorias sociológicas. Dessa forma, o bar possui diferentes usos para mim e para aqueles homens: enquanto eu via nesse local um ambiente para ser freqüentado esporadicamente nas "horas vagas", para seus fregueses assíduos ele é um local de convivência diária.

Só há então como visualizar diferentes unidades de tempo porque elas estão ligadas a uma atividade social bem demarcada em um espaço socialmente definido. Isso faz com que a compreensão do consumo de bebidas alcoólicas tenha de ser construída juntamente com o entendimento do significado do espaço do bar para as pessoas que o freqüentam. A dimensão espacial está "embebida" pelos valores sociais respectivos aos grupos que a utilizam (DaMatta 1997). Portanto, tem que ser pensada na sua relação com as "formas culturais" dos indivíduos que se apropriam desse espaço.

2.2 O bar dentro do "pedaço"

Logo se percebe que a sociabilidade do Bar do Morro também acontece em outros locais que não somente nesse espaço. A uma distância de duas quadras do bar, por exemplo, há uma oficina mecânica cujo dono e os outros três trabalhadores são parte da clientela do estabelecimento. Foi ali que um dos interlocutores me revelou que estava desejando se afastar do bar em função "do trago", que já estava ficando "pesado" para ele, nas suas palavras.

Contudo, não foi somente do bar que o afastamento consistiu, o sujeito também parou de trabalhar na oficina. Contou-me que de nada adiantava parar de freqüentar o bar e continuar a trabalhar nesse local. Tal atitude, para ele, não acarretaria de fato em um afastamento. Se desligar desse outro espaço também foi importante no seu distanciamento do bar e daquela rede de pessoas.

A oficina pode ser considerada quase que como uma extensão do bar, sendo normal ver por lá outros fregueses se relacionando da mesma forma como se encontram no Bar do Morro. Como conseqüência, o campo também se desenvolveu nesse local. Indo para o bar eu inevitavelmente passava ali em frente, e muitas vezes, ficava para conversar com algum conhecido.

Há outros ambientes que também são espaços de socialização. A boca de fumo, por exemplo, também é importante na medida em que "conhecer fulano ou siclano" e mencionar seus nomes é essencial para quem vai lá ou leva algum "chegado" [8]. Outro espaço marcante é a padaria/mini-mercado ao lado do Bar do Morro. Por volta das 18h é comum ver os homens voltarem de lá com sacolas de pão, para irem comendo aos poucos. Festas de família, casamentos, aniversários, viagens ao litoral gaúcho e também churrascos no Lami são eventos sociais que caracterizam essa sociabilidade e a faz ir para além do espaço e do tempo do bar.

Aqui a noção de "pedaço" de José Guilherme Magnani (1984) é válida para compreensão da organização do espaço e da relação entre os diversos elementos onde essa sociabilidade se realiza. O pedaço se constitui em uma intrincada rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismo que, dimensionando uma ordem espacial, proporciona um sentimento de pertencimento e territorialidade (Magnani 1984):

> "O pedaço designa um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas pela sociedade".
>
> (Magnani 1984:138)

Magnani desenvolveu esse conceito em um estudo que analisava as formas de lazer entre as classes populares na periferia de São Paulo, dando preferência ao circo. A periferia acabou por se revelar um espaço organizado dentro da lógica específica do pedaço: "espaços territoriais e socialmente definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações" (Magnani 1984:139).

[8] "Boca de "fumo" é o local onde se compram substâncias psicoativas ilegais. Contudo, a utilização de "tóxicos" não é uma constante como o consumo de álcool, acarretando profundas divergências entre os freqüentadores do bar. Alguns indivíduos, inclusive, completamente intransigentes em relação a essa prática

Segundo o autor (1984), os núcleos do "pedaço", formados pelos bares, padarias, barbeiros, etc. são mais facilmente delimitados enquanto que suas fronteiras são mais diluídas. Também é assim em relação aos fregueses do Bar do Morro. Enquanto identificam-se com precisão as pessoas mais integradas, há algumas posições intermediárias, de indivíduos que possuem um menor grau de envolvimento com essa sociabilidade.

A sociedade a que Magnani faz referência ao elaborar esse conceito é uma entidade que dificulta as relações sociais mais permanentes. Devido as suas instituições dispersas e a alta rotatividade no mercado de trabalho, há o impedimento da consolidação de uma sociabilidade mais significativa (Magnani 1984). Dessa forma, principalmente para os segmentos sociais populares, que vão ser mais dependentes desse tipo de relação, é no espaço de moradia onde essa sociabilidade mais densa e duradoura vai surgir, constituindo a identidade do "pedaço". Duarte (1986) também concebe a cultura das classes trabalhadoras como marcada pela experiência e pela sensação de pertencimento à "coletividade" ou "comunidade", demonstrando seu caráter holista.

O bairro/morro onde o estabelecimento está localizado evoca para essas pessoas um nítido sentimento de pertencimento, sendo que o Bar do Morro é central para expressar isso. Ao conversar com Paulo, perguntei como ia com seu novo trabalho e se tinha tempo de visitar o Bar do Morro mesmo trabalhando longe. Foi me respondido de forma bastante enfática: "não dá pra sair do morro! A gente pode até ficar um tempo sem vir, mas sempre consegue tempo de voltar." Seguiu a partir daí discorrendo sobre sua vida ali no bairro. Todos seus amigos, familiares e lugares preferidos estavam ali e não havia como se desligar daquele local. Isso foi bastante comum em campo. Em grande parte das conversas em que perguntei há quanto tempo essas pessoas começaram a freqüentar o bar, a resposta também fazia referência ao tempo de moradia delas no bairro.

As relações sociais dessas pessoas possuem duas características fundamentais: o fato de transcender ao próprio bar e de encontrar nesse ambiente um elemento fundamental para sua manutenção. Ou seja, o Bar do Morro é significativo para a configuração do "pedaço", ocupando um lugar central nessa relação social que se expande para além de seu espaço. A sociabilidade entre essas pessoas dimensiona uma ordem espacial porque são extremamente vinculadas e associadas ao espaço na qual acontecem, seja o bar ou o bairro.

Quando, por exemplo, alguns indivíduos querem voltar a fazer parte dessa relação, é no bar o espaço de reconstrução da amizade. Assim como é também através desse estabelecimento que se verifica quando alguém não está mais inserido na sociabilidade. Contam que Ricardo, por exemplo, que dizem nunca foi de beber, um dia se excedeu no "trago" e brigou seriamente

com um funcionário por motivos até hoje nunca esclarecidos para mim[9]. Como o funcionário era o genro do dono do bar, o freguês acabou por ser expulso do estabelecimento e até hoje não voltei a vê-lo. Quando esse caso é lembrado, sempre há um tom de nostalgia e de saudade na sua presença como um sujeito "muito alegre e muito brincalhão". Porém, como deixou de ir ao bar, acabou também por perder contato com as pessoas que o freqüentam.

O contrário também é válido e pude perceber através de minha própria experiência. Na medida em que comecei a freqüentar o bar mais assiduamente, minha presença começou a ser mais notada e fui me reinserindo naquela sociabilidade. Comecei a ser novamente chamado para conversas, para jogar sinuca e assistir aos jogos de futebol que eventualmente são ali transmitidos. O bar, assim como sua clientela, foi se tornando um lugar cada vez mais familiar. Se antes eu caminhava pelo bairro sem conhecer as pessoas que passavam por mim, agora era comum encontrar algum conhecido pelo caminho ou parar para uma conversa rápida.

Também se nota o "pertencimento" em desentendimentos que acontecem no bar. Lembro do caso de Chico[10], que por ser "do pedaço" certa vez se sentiu no direito de pedir para alguns freqüentadores "baixarem a bola" no "alvoroço" que estavam fazendo, pois "perturbavam o ambiente". Tal atitude resultou em um desentendimento bastante sério no bar. A briga foi desvantajosa para Chico, que em função de ser mais velho (sessenta e cinco anos) e estar sozinho, acabou se machucando. O acontecido gerou indignação entre os fregueses, que prontamente apoiaram Chico, o freguês mais assíduo.

2.2.1 As vantagens do bar

O Bar do Morro é um espaço que propicia o mútuo auxílio entre os seus fregueses. Quando alguém está desempregado, por exemplo, costuma passar mais tempo no bar do que de costume. Isso não se deve à "vadiagem", como às vezes reclamam os fregueses de serem acusados, mas ao fato de por meio da freqüência ao bar possuírem possibilidades de arranjar algum bico novo que "quebre o galho". Outros tipos de ajuda também são corriqueiros, como ajudar "na papelada" alguém que não tem muita informação sobre documentos burocráticos. Também eventualmente e caso haja necessidade (quando o sujeito está muito embriagado e não pode ou não quer voltar para casa), a oficina pode ser utilizada como dormitório provisório por clientes que não necessariamente trabalham ali. Também são comuns

[9] Essa história é de dois anos atrás. Entre outras versões, ouvi desde histórias que contam que Ricardo haveria falado mal ou dado em cima da esposa do caixa, a outras que contam que Ricardo o havia chamado de ladrão.
[10] Essa história também é mais antiga, aconteceu faz três anos. Chico, o protagonista, já é falecido.

empréstimos monetários. Geralmente são pequenas quantias de dinheiro, mas dependendo da necessidade e do grau de inserção do sujeito nessa sociabilidade, quantias maiores podem ser emprestadas[11].

Os pequenos empréstimos para pagar bebidas alcoólicas também caracterizam essa relação social. Todavia, não se trata de uma reciprocidade "equivalente". Pessoas com maiores salários são as mais requisitadas para pagar o maior número de bebidas, sendo a exigência sobre quem está com dificuldades financeiras menor. Pedir esse tipo de dinheiro para desconhecidos é tomado como grande falta de educação. Também caso o próprio amigo do bar negue o pequeno empréstimo, é considerado inconveniente continuar tentando através de outros freqüentadores.

Os eventuais pagamentos de bebidas são apenas uma parte de uma forma mais ampla de reciprocidade enquanto modalidade de relacionamento social. Estão incluídos dentro de um sistema de trocas mais geral, que compreende fichas de sinuca, pequenos objetos materiais (cigarros, roupas, móveis, eletrodomésticos, etc.), comidas e inclusive serviços. O domínio dos códigos dessa troca de bens é indicativo do grau de inserção do sujeito nessa sociabilidade. Então depois de certo tempo indo ao bar, recebi com naturalidade os "presentes" que ocasionalmente chegavam e eram requisitados a mim.

Também é pertinente o caso de Pedro, freguês bastante assíduo do Bar do Morro. Ele teve um acidente, quebrou a perna e teve que parar de trabalhar. Como trabalhava "de bico" (emprego temporário) acabou por ficar sem dinheiro para pagar o tratamento, que incluía cama especial, muletas, remédios, fisioterapia, etc. No balcão do bar foi posto um "anúncio", que além de contar o que havia acontecido, pedia contribuições financeiras dos fregueses para ajudar a situação "do amigo". Lembro que nessa época (a história aconteceu por volta de três anos atrás) houve grande comoção e mobilização por parte da clientela do bar para sua recuperação.

Essa concepção acerca do "bar", como espaço onde "laços sociais duradouros" são criados também foi abordada por outros autores. Silva afirmou semelhante preposição ao concluir que a freqüência ao bar é em si um esforço por parte do indivíduo de participar de um universo onde esse se encontra desamparado pelas novas e tradicionais organizações de sustentação, como o trabalho, a cultura de consumo, a família e a comunidade. Nas suas palavras:

[11] De 15$ a 20$ reais o empréstimo é considerado baixo. As quantias altas de dinheiro estão por volta de 150$.

> "Em primeiro lugar, o botequim pode ser um mecanismo de sustentação, porque tem condições de conceder o sentimento perdido de comunidade. Ele cria profundos laços comuns entre uma minoria: os componentes dos estratos inferiores que são 'adeptos do álcool'. Necessidades de natureza econômica tornam-no muito importante, além de provocarem estreitas relações de cooperação".
>
> (Silva 1978:112)

Magnani, por sua vez, faz referência à importância do bar para o "estabelecimento e reforço das relações grupais", onde a sociabilidade é marcada pelo mútuo auxílio: "o bar funciona ainda como lugar de troca de informações (onde e como tirar documentos, oportunidades de trabalho), contratação de serviços (pedreiro, encanador, eletricista), discussão sobre qualidade e preço de materiais para construção, etc." (Magnani 1984:144).

Para os fregueses do Bar do Morro, ser "do pedaço" é freqüentar esse específico bar e freqüentá-lo é pertencer a algo, estar incluído em uma rede de relações que, dependendo da necessidade e do grau de inserção, pode auxiliar desde um trocado para uma bebida até um lugar para dormir ou um emprego temporário. Para pessoas que podem vir a ter problemas de desemprego, moradia, pouca renda, etc. se sentir pertencente é muito importante e significativo.

É então no específico espaço do Bar do Morro que essa sociabilidade vai ser renovada, adquirida e realizada. Apesar dessa sociabilidade se estender para outros domínios e até se construir em outros espaços, é nesse bar onde ela vai ser significativamente configurada e preservada.

2.2.2 Beber em público

João, durante o trabalho de campo, me afirmou certa vez que havia ganhado de presente "vários" garrafões de vinho e "várias" cachaças. Contudo, havia mais de ano essas bebidas estavam guardadas em sua casa e não eram consumidas. Havia certo orgulho na sua fala ao explicitar isso. Perante minha interjeição de espanto, levantou o tom de voz e afirmou: "mas eu te digo uma coisa! Eu não bebo em casa é de jeito nenhum! Eu só bebo no bar!". No decorrer da conversa afirmou que o único momento de sua vida em que passou a consumir bebidas alcoólicas em casa foi quando faleceu seu cunhado, que morava com ele. Contou que ficara tão deprimido a ponto de trazer para casa e para família um hábito que era exclusivamente da rua.

Em outra conversa no Bar do Morro, Jorge me contou que "a cachaça" havia sido o grande motivo por sua carreira como jogador de futebol ter fracassado. De acordo com ele, era muito "guri" na época e não soube controlar a vontade de beber com a vocação de jogador profissional. Em seguida me relatou que agora só bebia vinho, fazendo sete anos que nem "encostava" na cachaça. Para demonstrar sua decisão e o controle que tinha sobre ela, também afirmou que possuía várias garrafas de "cachaças boas" em casa, porém, não as bebia de jeito nenhum.

Tais situações foram narradas por esses homens para demonstrar a opção por beber na rua em oposição ao beber em casa. Eles evidenciaram que há a opção específica pelo bar para o consumo de bebidas alcoólicas. Há nesse pensamento uma noção fundamental para o entendimento das relações entre homens e bebidas: o beber no bar, socialmente, quando confrontado com o beber em casa, solitariamente. A rua, simbolizada pelo bar, é espaço preferencial para o consumo alcoólico em oposição ao beber em casa, visto como hábito negativo. Como o Bar do Morro é um espaço central para configuração dessa sociabilidade e para o pertencimento ao bairro, beber no bar, associando-o a rua, é beber naquela específica relação social. O beber cotidiano é visto como positivo quando público, praticado entre aquelas pessoas.

De uma forma geral, as relações de amizade apareceram como fundamentais para esses indivíduos expressarem o significado que o espaço do bar tem para elas. Seja ao falar do Bar do Morro ou do bairro de moradia, o discurso dos interlocutores sempre encontrava uma referência nas relações sociais que tais espaços propiciam. Tal constatação implica em um estudo mais detalhado sobre a sociabilidade.

2.3 Álcool e sociabilidade

Apesar das relações sociais entre os fregueses serem positivas, há eventuais desentendimentos em função de bebidas, fichas de sinuca, empréstimos, etc. Entretanto, as pessoas que freqüentam o Bar do Morro sempre tentam evitar o conflito declarado e explícito. Para isso, mesmo em situações tensas, a sociabilidade acontece através de piadas e brincadeiras. Faltando o domínio dos códigos de socialização, muitas vezes pode se ter a impressão equivocada sobre esses diálogos. Não foram raras as vezes que tive que prestar maior atenção a uma situação que parecia estar se encaminhando para uma briga para perceber que não passava de brincadeira. Ou o inverso, quando achava que os sujeitos estavam rindo um do outro e percebia mais tarde que se tratava de um conflito mais sério.

Trata-se de uma sociabilidade marcada por constantes provocações mútuas, “alfinetadas” e “tirações de sarro” nas palavras dos fregueses.Relações jocosas, expressão de Radcliffe-Brown (2003), parece apropriado para designar esses modos de socialização, que envolvem brincadeiras, ofensas e conflitos em uma mesma situação. Guedes (1997) também percebe o fenômeno e o chama de “jogo da virilidade”, em que certas ofensas e críticas só podem ser ditas se colocadas nesse espaço onde a masculinidade é negociada. Essas expressões não seriam permitidas em outros contextos e são ali referidas em função do caráter lúdico do jogo.

Maurício Fiore (2002) afirma que mesmo a medicina não utiliza meios puramente quantitativos para verificar a existência de dependência química do indivíduo com uma substância. Uma das maneiras dos médicos perceberem o problema é através de uma interpretação qualitativa dessa questão, quando, por exemplo, as relações sociais do indivíduo em questão são prejudicadas. Também outros autores constataram que a relação problemática com a substância é evidenciada quando há uma afetação negativa nas relações sociais em função de seu uso. Neves propôs que há uma “recorrente valorização do homem que sabe beber sem se alcoolizar e sem interferir no desempenho dos papéis a ele atribuídos” (Neves 2003:80). Guedes (1997), por sua vez, observou que é a perda da identidade de homem/trabalhador que demarca quando a bebida se torna problemática na vida do sujeito. Laércio Fidelis Dias (2008) também demonstrou que a embriaguez inadequada entre os povos indígenas do Uaçá, entre outras conseqüências, provoca a desunião e brigas na família e entre amigos. Ou seja, a positividade das relações sociais aparece nesses trabalhos como termômetro da relação entre as pessoas com substâncias psicoativas.

No Bar do Morro, também o beber é fortemente associado às relações sociais que ali acontecem. Não que necessariamente toda clientela do bar consuma bebidas alcoólicas. Houve inclusive um sujeito que para se afirmar e se diferenciar de outros fregueses, garantiu que não bebia na rua. Assegurou enfaticamente que freqüentava bares “desde guri” e nunca havia tomado “uma gota” sequer de álcool nesses lugares. Se tal afirmação não chega a ser comum nesse ambiente, ao menos não é estranhada. Todavia, essas atitudes fazem referência a uma absoluta minoria de pessoas dentro do bar e não alteram de modo significativo a idéia geral que se tem do Bar do Morro como um ambiente prioritariamente destinado ao consumo alcoólico.

As bebidas, de fato, chamam muito a atenção nessa sociabilidade. Por todo o espaço do Bar do Morro há referências às bebidas e aos bebedores: garrafas vazias espalhadas pelo estabelecimento, brincadeiras sobre bebedores, como a placa “canto do bebum - proibido pra

chato" e a moeda de um real colada no balcão, propagandas de cerveja e de cachaças pelas paredes, fotos de fregueses assíduos empunhando seus copos para câmera, etc. Beber no bar é tão naturalizado para os interlocutores que as perguntas sobre esse hábito, na maioria das vezes, ou não geravam respostas muito elaboradas ou simplesmente não motivavam resposta alguma. O principal motivo apontado para o "beber" era a preferência subjetiva: "nós gostamos de beber e viemos aqui fazer isso".

Contudo, quando perguntados sobre as bebidas, a sinuca e sobre as outras pessoas que também tinham o costume de freqüentar o bar, o álcool aparecia associado a um *estilo de vida*: "mas é dessa vida que a gente gosta, passar o tempo com as pessoas queridas, fazendo o que tem prazer". Nesse sentido, ouvi de Pedro a narração de uma conversa que esse teve com João. Foi sugerido a esse que "largasse um pouco o bar, se arrumasse melhor e ficasse um tempo sem beber para arrumar um emprego melhor". Segundo Pedro, João recusou veementemente o conselho: "eu gosto é disso aqui! Dessa vida de bar! Não adianta querer tirar o cara porque daí ele não vai ser feliz! Todos meus amigos são daqui!".

O álcool aparece relacionado a um modo de viver. Junto com outros símbolos "de bar", ele é associado não só à embriaguez, mas também, e principalmente, às pessoas as quais se bebe junto. Beber faz parte da relação que essas pessoas construíram para si.

2.3.1 Formas de sociabilidade

Entretanto, para estudar o beber enquanto prática social, não se deve presumir que seja a bebida o motivo fundamental para a socialização. Há várias outras possibilidades (muito mais econômicas inclusive) de consumo alcoólico que não através de uma sociabilidade cotidiana "de bar". Contudo, foi esse o modo construído por essas pessoas. Essas então não são "sedentas" por álcool e nem organizam toda sua vida em função de consumi-lo. Por outro lado, deve-se compreender como essa forma de sociabilidade implica em específicas concepções sobre positividades e negatividades das bebidas.

Está se tomando os entendimentos de Simmel sobre sociabilidade. Nas interações sociais entre os indivíduos, a forma não está subjugada pelo conteúdo. A intenção da sociabilidade é formar nos indivíduos uma unidade, sendo suficiente para os membros que dela participam estarem sociados (Simmel 1983). Portanto, as relações sociais entre as pessoas que freqüentam o Bar do Morro não podem ser reduzidas à busca pelo consumo alcoólico quando, pelo contrário, transcende a esse objetivo. Evita-se assim a redução das

formas de sociabilidade a uma razão instrumental, caracterizada por interesses utilitários e justificáveis.

Simmel não concebe uma "sociedade" orgânica e funcional que está acima das consciências individuais. Essa não se realiza em um plano elevado e independente, mas sim nas interações sociais, objeto de estudo de sua sociologia. Visto que os conteúdos das relações entre os indivíduos (amor, raiva, interesse, ambição, etc.) não são sociais, é através do estudo da forma que se apreende a sociabilidade na sua especificidade social.

2.3.2 A sociabilidade como um fim em si mesmo

Trata-se, então, de uma sociabilidade cotidiana em que o consumo diário de bebidas alcoólicas se faz presente de forma diária. Essa relação social é muito significativa para essas pessoas, pois proporciona um sentimento de pertencimento ao bairro, em que o bar é o espaço fundamental para sua configuração. É uma interação social, que caracterizada pelo mútuo auxílio, é muito valorizada pelas pessoas que a compõe. Assim, essas pessoas sempre objetivam a manutenção e a positividade dessa sociabilidade "de bar".

Quando, por exemplo, não se retribui a uma pessoa o dinheiro que essa lhe emprestou para comprar uma bebida no bar, se fere a reciprocidade que pauta a relação social entre os fregueses. Nesse caso, se entende que a bebida é mais importante que à conservação de uma sociabilidade positiva com as outras pessoas que freqüentam o Bar do Morro. A mesma lógica é valida para interpretar quem bebe "fiado" e não paga ao estabelecimento: a bebida é priorizada frente à sua relação com o dono do bar. Chegar embriagado ao bar, ficar impossibilitado para conversa e beber solitariamente são atitudes que, se acabam por constituir parte do comportamento habitual de uma pessoa, caracterizam uma relação negativa com a bebida. A sociabilidade "de bar" deve ser o fim, e não o meio da prática social de beber.

O contrário também é válido. Dario e João, por exemplo, são sujeitos prestigiados no Bar do Morro exatamente porque já o freqüentaram por longos períodos de tempo, dois anos um e oito meses o outro, em que ficaram sem beber. Pela abstinência que passaram, ficou nítido que o significado do bar e da sociabilidade não se reduz para eles a um interesse utilitário por consumir bebidas alcoólicas.

Assim, no que diz respeito ao beber, o valorizado nessa sociabilidade é a sua própria unidade, cuja ruptura qualifica o beber problemático. Na medida em que há a valoração pelo "social", ele torna-se uma noção fundamental para qualificar formas de beber. A sociabilidade

é um fim em si mesmo e quando prejudicada pelo beber qualifica o consumo inadequado. O beber está submetido ao social, e esse significa um intenso sentimento de pertencimento que de forma alguma deve ser prejudicado em função do álcool.

Ou seja, beber socialmente é beber positivamente. Tal preposição não se resume somente a "beber no bar" (condição que, como já observada, também é importante para essas pessoas), mas também a valorizar mais a positividade e a harmonia da sociabilidade em relação ao desejo individual de beber. Além disso, é igualmente importante beber *na* interação social, se relacionando com os outros fregueses e participando das conversas em pauta.

2.3.3 Sociabilidade e forma de controle

Quero propor que a própria construção de uma sociabilidade pautada pelo consumo alcoólico tem como conseqüência o controle sobre esse consumo. Os sujeitos fazem a opção por beber socialmente já percebendo nisso uma forma de evitar problemas com as bebidas. Na medida em que a qualificação do beber problemático é a ruptura das relações sociais, construir uma sociabilidade pautada pelo beber faz com que essa relação seja muito mais difícil de ser rompida em função dessa prática. Optar por uma sociabilidade cotidiana, caracterizada pelo consumo de bebidas alcoólicas costumeiro, faz com que esses homens tenham maior tolerância sobre o beber. Assim eles dificultam que seja o álcool um dispositivo com potencial para afetar a sociabilidade.

Silva (1978) atenta para isso quando diz que nos botequins a embriaguez é mais naturalizada em função de seu caráter cotidiano. Segundo o autor, enquanto nos bares de "classe média" é comum ouvir comentários do tipo "deixe o fulano de lado, ele está bêbado", com muito custo no botequim a embriaguez é levada em consideração nas atitudes de um sujeito. Nessa perspectiva, devido à rotinização do beber, as pessoas que freqüentam esse tipo estabelecimento, o botequim, possuem maior tolerância para o hábito de beber do que outras que não bebem com a mesma constância.

O fato do beber ser praticado socialmente no dia-dia dá à sociabilidade certas características específicas, como regular tal prática e conseqüentemente controlar o excesso. É, então, em função de a sociabilidade transcender o consumo de bebidas alcoólicas que se torna uma forma de controle sobre esse. Neves afirma semelhante constatação ao perceber o "beber em grupo" como forma de controle social:

> "A definição do contexto possível já é indicadora das formas de controle social. Beber em grupo é uma forma de controle social sobre o uso individual, pois a essa prática se integram símbolos sociais, sentimentos e atividades. Beber em grupo é uma atividade social referenciadora do fato de que as pessoas que bebem sozinhas são mais controladas, inclusive pela acusação do desvio ou do alcoolismo".
>
> (Neves 2003:80)

Ou seja, quando se identifica uma estima, apego ou valoração pela sociabilidade, essa pode ser interpretada como uma noção que dá formato a modos positivos e negativos de beber. O desejo individual de consumo alcoólico nunca deve sobrepor ao desejo social de unidade. É por essa sociabilidade ser diariamente mediada pelo beber que o "beber socialmente" é um fator determinante do "beber positivamente".

Abordo a seguir, as formas de inclusão e exclusão social geradas por tais maneiras de consumir bebidas alcoólicas.

2.4 Exclusão e inclusão

Entre as pessoas que freqüentam o Bar do Morro, valorizar mais o beber individual do que a relação social com os outros fregueses qualifica o beber problemático, demarcado pelo afastamento do individuo em relação ao círculo social. Neves propõe que através do uso de bebidas alcoólicas novas formas de pertencimento são configuradas. O álcool gera inclusão e exclusão social, deixando "de fora" aqueles que são divergentes dos modos positivos de beber (Neves 2003).

No Bar do Morro, exclusão social e beber problematicamente estão intrinsecamente relacionados, configurando um mesmo processo. Dessa forma, não cabe a afirmação que um é causador de outro. Ao mesmo tempo em que percebe a exclusão de sujeitos que são divergentes nos modos de beber, nota-se o auto-isolamento de outros. Ou também no mesmo processo de exclusão se verifica tanto um distanciamento do círculo social em relação ao indivíduo como desse em relação à sociabilidade.

No Bar do Morro, a exclusão do indivíduo da relação social se dá através de múltiplos mecanismos, como deboches, piadas ou xingamentos. Nesse sentido, tive uma experiência marcante durante o trabalho de campo. Chegou ao Bar do Morro um sujeito já intensamente embriagado, que transitava cambaleante e com dificuldade pelo bar. Pareceu a mim que era percebido pelos outros fregueses como um ser sem existência. O mero encontro de olhares lhe era negado. Ao tentar interagir com outras pessoas as palavras lhe faltavam, assim como a

coordenação motora pra manter-se em pé. As respostas, quando alguém lhe dirigia alguma, eram ríspidas e monossilábicas. A atitude corporal dos freqüentes era de repulsa à sua presença. Ou o empurravam com agressividade ou pura e simplesmente se afastavam dele.

Esse sujeito infringiu uma regra fundamental nas "maneiras de beber". Chegou ao bar intensamente embriagado, sem condições mínimas de socializar: "comeu um peixão lá fora e veio cuspir os espinhos aqui", na expressão dos fregueses. Silva também descreve em seu artigo esse processo de marginalização do bêbado problemático:

> "Existe um tipo de freqüentador, este sim, bastante marginalizado. Trata-se do indivíduo nos últimos estágios do alcoolismo, que está invariavelmente muito embriagado. Nesses casos, o freguês é de tal modo ridicularizado, as brincadeiras de que é vítima são tão ofensivas, que na maioria das vezes o indivíduo permanece no botequim apenas o tempo necessário para consumir em cachaça o pouco dinheiro que tem. E mesmo isto, quando a embriaguez não é total, pois nesses casos o proprietário ou gerente se recusa a lhe vender qualquer bebida".
>
> (Silva 1978:88)

Há também outro exemplo ilustrativo. Na medida em que Dario começou a beber "pesado" (palavras dos fregueses), seus "vexames" começaram a ser cada vez mais constantes. Freqüentemente caia pelo bar e era recorrente que seus amigos tivessem que convencer algum taxista a levá-lo para casa, pois devido ao seu "estado", esses não se mostravam muito dispostos a isso. Dario foi ficando cada vez menos prestigiado no bar. Comentários negativos eram dirigidos em relação a seus hábitos alcoólicos e aos poucos foi se e sendo excluído daquela relação. Depois de certo tempo, voltei ao bar e verifiquei que Dario havia parado de beber. Perguntei a ele sobre a situação e me foi respondido que devido a problemas neurológicos, havia mais de um ano que não consumia nenhuma bebida alcoólica. Contudo, não foram somente benefícios clínicos que Dario obteve ao parar de beber, também recuperou sua integração na sociabilidade do Bar do Morro, principalmente através do jogo de sinuca, atividade à qual passou a se dedicar mais intensamente.

Interessante notar que essa exclusão não implicava em comentários maldosos e diretos a Dario. Muito menos em xingamentos ou piadas públicas como no exemplo anterior. As formas como irá se entender o beber problemático e as maneiras como irão se tratar os indivíduos assim classificados não são um estatuto fixo e rígido. Trata-se de um entendimento que é constantemente avaliado e atualizado. A situação está sujeita a interpretações das mais variadas formas, de acordo com as diversas variáveis em jogo (por exemplo, se é homem ou mulher, se tem "dinheiro" ou não, se pagou pela bebida, se tem trabalho fixo, etc.).

Nesses exemplos expostos acima chama a atenção a falta de controle sobre o equilíbrio do corpo. Situações em que o sujeito não consegue mais se manter em pé, assim como quando perde a capacidade de comunicação ou o controle das necessidades fisiológicas são extremamente mal vistas e repudiadas no Bar do Morro. A associação com um estado de natureza é explícita nesses casos e o indivíduo é destituído de sua qualidade humana: "fulano fica aí que nem bicho caindo pelo bar".

O "comprometimento" com a sociabilidade não diz respeito somente ao beber, também faz sentido a outros elementos dessa relação social. Foi pensando no caso de Pedro que entendi o alcance dessa reflexão. Trata-se de uma das pessoas menos prestigiados no bar pela maneira como se comporta durante um jogo de sinuca. Sua relação com esse jogo é extremamente complicada. É uma relação que, no entendimento dos outros fregueses, beira o infantil: Pedro não admite perder, tenta continuamente trapacear de novos freqüentadores, "rouba fichinhas" afirmando que não é sua vez de pagar e quando perde uma partida, briga com o adversário, se isolando "de cara amarrada" em um canto do bar. É uma pessoa que está mais interessada em ganhar uma partida de sinuca do que desenvolver uma sociabilidade positiva.

Entretanto, se o álcool constrói exclusões e inclusões dentro do Bar do Morro, quem desenvolve uma relação negativa com a bebida de forma alguma é excluído da rede de relações sociais maior, que transcende ao próprio Bar do Morro. É, por outro lado, temporariamente afastado de um círculo social e cotidiano menor: entre outras coisas, perde o privilégio do pagamento de bebidas, não é mais requisitado para conversas, para jogar sinuca, deixa de ser estimado naquele momento da vida social. Contudo, essas pessoas continuam podendo transitar pelo "pedaço": podem freqüentar o bar, dormir na oficina, ir à boca de fumo, etc. Apesar dos bebedores problemáticos perderem a inclusão no círculo social do bar, eles continuam pertencentes àquela rede de relações sociais, que vai para além desse estabelecimento. Não são "expulsos" do bar. E é exatamente a presença no Bar do Morro que fortalece e reafirma esse pertencimento.

De uma forma geral esse capítulo propôs que beber na rua, simbolizada pelo bar, é uma forma de demonstrar controle sobre a bebida. O Bar do Morro, por sua vez, possui uma identificação com sua clientela e é fundamental para configuração dessa sociabilidade. Assim beber no bar é beber nessa específica relação social. A conclusão foi que o consumo alcoólico entre essas pessoas deve priorizar a positividade da sociabilidade em prol da vontade individual de beber. Isso implica que a própria construção de uma relação social pautada pelo beber tenha

como conseqüência o controle sobre essa prática. Quando tal fundamento não é seguido, há a qualificação do beber problemático, demarcado pela exclusão social. Só objetivei essas reflexões na medida em que o trabalho campo avançou, em que foi pensado sobre as diferentes concepções de tempo e usos daquele espaço.

Capítulo 3

BILUS, CAPOTES E FILÉS.

3.1 Os jogos do bar

Esse capítulo é destinado à sinuca. O gosto por esse jogo é uma forte característica do Bar do Morro e das pessoas que o freqüentam, marcando intensamente a qualidade dessa relação social. Através dessa prática, é possível abordar aspectos muito característicos do cotidiano do bar, como as interações sociais, os valores compartilhados por essas pessoas e inclusive, o consumo de bebidas alcoólicas. Há toda uma riqueza semântica em torno desse jogo, o que indica sua valorização e relevância para as pessoas que freqüentam esse bar. Trata-se de um tema socialmente compartilhado, expresso através de uma linguagem que também é socialmente apreendida[12].

Ao relacionar a sinuca com outros jogos que acontecem nesse bar, fica evidente seu papel e sua relevância para as pessoas que o freqüentam. O jogo de escova, por exemplo, é jogado somente de forma eventual e apenas por duas pessoas. Por necessitar de um convite mais formal para iniciar a partida, esse jogo demarca uma intimidade mais próxima entre os jogadores. A sinuca, por sua vez, mobiliza todos os freqüentadores do bar. Para começar a jogar basta colocar uma "fichinha" sobre uma mesa em que já esta acontecendo uma partida, não se fazendo necessário o convite. Enquanto a "escova" possui caráter mais reservado, sendo inconveniente observar uma partida, dar conselhos ou fazer intromissões, na sinuca é normal "se meter" na partida, através dos "pitacos" e das torcidas.

O caça-níquel é o terceiro tipo de jogo praticado no bar. Porém esse possui uma condição diferente, a começar por ser uma atividade individual e pelas máquinas se encontraram em uma sala fechada. É raro algum comentário a seu respeito. Nas conversas, somente são lembradas as esporádicas vezes em que alguém conseguiu ganhar algum dinheiro. Nesse jogo não há como ser "bom" ou "ruim", e logo, não há a possibilidade de palpites, convites e torcidas. Não se trata de uma aposta com caráter de disputa, como nos dois outros jogos, e sim de um lance de sorte.

O caça níquel por ser interpretado na oposição à sinuca no que diz respeito ao seu papel na sociabilidade do Bar do Morro. Enquanto o primeiro é adverso à socialização, já que

[12] Foi por meio dessas expressões que se formulou o título do presente capítulo: "bilú" é uma técnica de jogo em que o jogador esconde a bola branca atrás de suas bolas; "filé" é aquele que é muito fácil de ganhar e "capote" é quando se ganha do adversário sem que esse encaçape uma bola sequer.

praticado individualmente em um ambiente isolado; a sinuca, uma vez que exige a interação social, expressa um estímulo à sociabilidade. Nessa analogia, a escova se encontraria ao meio do caminho entre esses dois jogos: não é nem tão impessoal quanto o caça níquel, pois necessita de no mínino dois jogadores, nem pode ser considerado uma "prática socializante" como a sinuca, visto a necessidade de convite e de um relacionamento mais próximo.

3.2 A lógica da partida

O jogo de sinuca pode ser disputado entre dois (um contra o outro) ou entre quatro participantes (duas duplas opostas). Quando se está jogando "de mano" (um contra um) e outros participantes querem jogar de dupla, é necessário que o atual vencedor da mesa concorde em mudar o esquema de jogo. Caso esse queira continuar a jogar no mesmo sistema não se pode mudá-lo.

Existem quinze bolas numeradas sobre uma mesa coberta com um pano verde. A mesa contém seis buracos, chamadas de caçapas, quatro em seus cantos e dois na metade lateral. Um dos participantes fica encarregado, através de um taco que bate em uma bola branca (bolão), de colocar as bolas um a sete nas caçapas, enquanto ao outro cabe de colocar nas caçapas as bolas nove a quinze. Quem finaliza suas bolas fica na obrigação de "encaçapar" a última, a bola oito. Quem primeiro faz isso ganha a partida. Se o sujeito faz a bola oito e na mesma jogada "encaçapa" a bola branca, perde o jogo, é dito que "se matou". Quando tal situação acontece, o jogador fala que "perdeu pra si mesmo" e não para o adversário, e logo, esse não deve ter crédito nenhum sobre a vitória.

As formas como ocorre o jogo de sinuca, desde o convite até o pagamento de fichas, são conhecidas por todos os fregueses. Quando a mesa está disponível, dois sujeitos se acordam para jogar estabelecendo um acordo tácito nesse primeiro convite: é de bom tom que o vencedor dispute ao menos mais uma partida, para dar uma chance de "revanche" ao adversário. Se na próxima partida há novamente a vitória do mesmo jogador, abrindo o placar de 2x0, não é mais considerado inconveniente parar de jogar. Se há muita insistência do vencedor para jogar mais um jogo, pode se interpretar que ele quer "humilhar" seu oponente, pois se o placar chega a 3x0 a derrota é considerada "feia". Cabe agora ao perdedor pedir para jogar novamente. Esse é encarregado também de pagar por mais uma ficha, que custa um real. É considerada uma cortesia quando o vencedor paga pela próxima ficha , pois não possui nenhuma obrigação disso.

Contudo, caso na segunda partida se iguale o placar, torna-se necessário jogar mais uma vez para desempatar. O empate não é um resultado apreciado. É sempre feito um esforço para que haja um vencedor e muito raramente os homens param de jogar quando o placar está simétrico. Para evitar qualquer mal entendido, quando há a possibilidade de que o placar final fique empatado, quem está para ir embora já anuncia antes mesmo do jogo começar que independente do resultado, aquela será sua última partida. E mesmo quando previamente avisado, quem está deixando a mesa sempre se desculpa por ter de ir embora.

Quando há outras pessoas para jogar, que é a situação mais comum, então se estabelece um sistema rotatório: o vencedor vai ficando na mesa na medida em que novos jogadores o vão desafiando. Forma-se assim uma espécie de fila para esperar a vez de jogar. É comum haver desacordos acerca de quem é o próximo a jogar em função do esquema um tanto desorganizado de ordenação das partidas. Portanto, quem entra no jogo tem que de descobrir quem está na sua frente e deixar claro para os outros participantes que a sua vez será depois da do "fulano" ou "siclano".

3.3 Partidas emocionantes

Vez por outra acontecem jogos mais "absorventes", expressão de Geertz (1989), que mobilizam todo o bar. Esses promovem uma tensão que envolve a todos os presentes. Se um visitante esporádico vai ao bar em um dia que estão acontecendo grandes partidas, pode ter a impressão de que todo o bar gira exclusivamente em torno dessa atividade. Contudo, não são todos os jogos assim, a maior parte das partidas são corriqueiras. Mas isso não desqualifica a sinuca: uma partida sempre objetiva produzir a mobilização de todo o bar em torno de si. Os jogadores sempre se esforçam nesse sentido. Também o fato de um jogo não produzir a excitação da clientela do bar não significa que ele seja desprovido de atenção por parte dos fregueses. Sempre está se prestando atenção a quem está jogando e como está o andamento da partida.

No Bar do Morro, é comum que em seu início, o jogo de sinuca não receba muita atenção. Porém, na medida em que a partida vai rumando para seu fim e se percebe que o embate está equilibrado, os demais freqüentadores começam a se reunir em torno da mesa para acompanhar o seu final. É nesse momento que a partida atinge seu clímax, quando cada tacada se torna decisiva para seu desfecho. É agora que são feitas as brincadeiras, que são expostas publicamente as torcidas e em que os jogadores possuem a maior pressão para vencer.

Para uma partida de sinuca ser considerada emocionante, primeiramente ela tem de ser equilibrada. Para isso, um jogador não pode perder com muitas bolas sobre a mesa, pois fica evidente o desnível entre os adversários. Os melhores jogos de sinuca são considerados aqueles em que os dois jogadores (ou quatro se for o caso) finalizam todas suas bolas, ficando os dois pela bola oito. Outro aspecto importante é que a partida tem de ser "bem jogada". Ou seja, as tacadas e movimentos têm de ser inteligentes e pensadas dentro da lógica específica do jogo. Não se pode, por exemplo, ganhar uma partida através de uma tacada desordenada que faz com que as bolas entrem nas caçapas por acaso, um "gato", como dizem os fregueses. Quando a vitória é assim, se torna totalmente desprovida de mérito.

De preferência, um jogo emocionante tem de ser disputado por dois indivíduos com status social bem consolidado dentro do bar. Quer dizer, que possuam certo renome e fama pela habilidade no jogo. Tem também de haver um público em volta: caso seja uma partida que atenda a essas condições e que não seja vista por ninguém, ela não será lembrada, comentada e será muito pouco festejada.

Apostas em dinheiro também são importantes para que o jogo seja considerado emocionante. Quanto mais dinheiro há em jogo, maior a tensão e o suspense da partida. Todavia, o dinheiro não determina a importância do jogo. As quantias envolvidas geralmente são baixas, por volta de dois reais, enquanto que as mais altas em torno de cinco reais. Uma aposta de dez reais é considerada absurda. Mesmo que alguém do bar considere cinco reais bastante dinheiro, é entendido que não é essa a característica que faz o jogo ter a importância que tem. Nesse sentido, existem mecanismos para que as apostas não ultrapassem certos limites.

Desse modo, as apostas na sinuca só podem feitas entre os jogadores. Também é considerado extrema indelicadeza apostar no jogo de outra pessoa. Os valores são fixos: se alguém está jogando uma partida a dois reais, o próximo jogador tem de entrar na mesa disposto a apostar a mesma quantia. É raro alguém que recém tenha entrado no jogo propor aumentar a aposta. Mas caso tenha esse interesse, quem está na mesa ainda tem o poder de decisão. Se esse jogador não quiser, a aposta não será aumentada. Também não é permitido que se aumente a aposta durante a partida. Depois de fixados, os valores não podem ser alterados.

As apostas contribuem para tornar o jogo mais envolvente. Quanto maior uma aposta, mais emocionante o jogo é e mais se entende que os jogadores estão equilibrados. Entretanto, o que determina a emoção de um jogo são os acontecimentos no decorrer da partida. De nada adianta o jogo possuir apostas altas e ser mal jogado, proporcionando uma vitória fácil e sem

graça a um dos jogadores. Tal partida, no máximo, seria motivo de deboche e piadas para o perdedor. Portanto, da mesma forma como enfatiza Geertz (1989) em seu famoso texto sobre as brigas de galos balineses, as apostas seriam o veículo pelo qual a emoção do jogo é expressa. Mas as lembranças das grandes partidas disputadas são em relação às tacadas, às mudanças repentinas do jogo e à emoção do público.

Uma partida considerada muito emocionante é aquela em que houve uma reviravolta. Quando um jogador estava muito atrás na contagem de suas bolas, quase perdendo o jogo, mas nos momentos finais conseguiu equilibrar a situação e sair com uma vitória. Nessas partidas, o bar chega a um frenesi de gritos, aplausos e deboches, que vão cessando na medida em que a outro jogo começa a ser disputado, comentado e festejado.

A vitória no jogo constitui o sucesso. Todos os antigos erros do vencedor passam a ser resignificados com a emergência do triunfo. Ao ganhador são dadas todas as gratificações e elogios. A quem é derrotado, as críticas se referem principalmente ao "estilo" de jogo: "tu não devia ter feito isso, deveria ter feito aquilo!". A mais ardilosa e "cretina" dessas críticas é quando quem a está elaborando faz a jogada re-acontecer: coloca o bolão onde originalmente estava, organiza as bolas na mesa de forma mais ou menos parecida como se encontravam na "jogada chave". Faz a tacada, obtêm sucesso e comemora: "tu tá vendo! Deveria ter jogado ali e não onde tu jogou! É por isso que perdeu o jogo!".

3.4 Unanimidade do bar

A sinuca é importantíssima no bar e sua capacidade de reter a atenção dos homens é impressionante. Não que todos joguem de igual maneira, com a mesma freqüência ou com o mesmo gosto: há os que jogam todos os dias, outros de vez em quando, uns apostam (dinheiro, fichas e bebidas) e há também aqueles que não jogam. Porém, todos prestigiam o jogo, observam e comentam, tornando tal prática uma unanimidade no bar. Desse modo, a sinuca, ao atrair os olhares e a apreciação dos freqüentadores do Bar do Morro, torna-se o conteúdo da conversa e da sociabilidade.

A sinuca é o motivo fundamental de muitas pessoas irem ao Bar do Morro. Algumas pessoas possuem seus próprios tacos particulares, que guardam à chave em um armário fornecido pelo bar. Esses não jogam com os tacos do estabelecimento, considerados muito ruins por serem leves e tortos. É considerado um ato de fidelidade ao bar quando um freguês compra seu próprio taco e o guarda em um armário ali dentro. Deixar o taco lá significa que

ele não vai utilizá-lo em outro lugar. Portanto expressa que o Bar do Morro é seu lugar preferencial e prioritário para jogar sinuca.

É difícil freqüentar o bar e não se deixar envolver por essa atividade. Senti isso na minha própria experiência. Quando se começa a ir de forma mais freqüente ao estabelecimento e a conhecer quem são os fregueses mais assíduos, é inevitável que uma hora ou outra alguém comece alguma conversa sobre alguma partida que está acontecendo ou que faça o convite para "jogar de mano" ou para formar uma dupla. Gérson, o dono do bar, estimula essa prática através da organização de campeonatos entre os fregueses. Quando esses acontecem, são realizados nos finais de semana. Tratam-se de "festas" em que há prêmios, churrasco e bebidas.

As mesas possuem status diferenciados. Uma é destinada para partidas entre "profissionais" (expressão dos fregueses), aqueles tidos como os mais habilidosos e que apostam dinheiro. A outra é para os jogos ocasionais, para jogadores de menos "talento" que não levam o jogo tão "a sério". Assim, de um lado do bar, onde está a mesa "principal", estão os homens que vêem na sinuca a principal forma de entretenimento e estão comprometidos com o sistema de ordenação das partidas. Do outro lado, junto à segunda mesa, se encontram aqueles que jogam de maneira ocasional e com menos habilidade, que não querem ter a obrigação de jogar quando chega "a sua vez". Essa divisão geralmente acarreta na configuração de afinidades dentro do Bar do Morro: os jogadores de sinuca mais habilidosos geralmente são amigos entre si e o mesmo vale para aqueles jogam mais ocasionalmente.

A mesa de sinuca principal é tacitamente reservada aos jogadores habituais do Bar do Morro no horário "nobre" do bar, entre as 18h e às 20h. É feita uma "pressão coletiva" para que as pessoas que estiverem usando essa mesa a liberem para que os fregueses assíduos possam jogar. Essa "pressão coletiva" é sutil, porém eficiente. Sem perguntar se a mesa vai ser liberada, os jogadores habituais começam a se preparar para jogar: formam duplas, organizam a ordem das partidas, separaram os tacos e passam giz em suas pontas. Também se pergunta para quem estiver jogando, por exemplo, que horas vai liberar a mesa, se está disposto a dividi-la no próximo jogo ou se quer jogar valendo dinheiro. Mas isso nunca é feito de maneira agressiva. Sempre se convidada quem está jogando para participar do jogo que irá acontecer. Porém se tratando de desconhecidos, esses raramente aceitam.

3.5 Por meio do manuseio de um taco e na mira de uma bola

Dois fregueses, ao disputar uma partida de sinuca, foram interrompidos por alguém do público que observava o jogo. Numa "jogada chave" da partida, esse colocou sobre a mesa uma nota de dez reais, apostando que o jogador da vez não ia conseguir fazer sua bola. Esse, sem falar nada, pegou o dinheiro e colocou sobre sua mesa, junto de sua bebida. Ao errar a jogada, ficou em silêncio e não devolveu o dinheiro ao apostador. A partir daí houve um desentendimento entre os dois. Um dizendo que o outro não deveria entrar em apostas se não ia bancá-las. O outro afirmando que não havia aceitado nenhuma aposta, somente tinha tirado o dinheiro de cima da mesa e que era uma tremenda falta de educação apostar no jogo dos outros. A situação ficou bastante delicada e tensa e depois de alguns empurrões, o apostador se retirou do bar "atropelando" as mesas pelo caminho. Conversando mais tarde sobre o ocorrido, descobri que tal desentendimento não tinha surgido ali e que não possuía relação nenhuma com a aposta feita fora de hora. Os dois sujeitos já vinham a um tempo se desentendendo e se provocando. Aconteceu que, sob forma de uma aposta mal apostada, a sinuca foi um espaço oportuno para colocar em jogo um conflito mais antigo.

Também durante um jogo entre João e Pedro, a partida acabou se tornando uma disputa pessoal entre os dois. Durante a partida, várias acusações foram deferidas. Pedro chamou seu oponente de ingrato, pois certa vez lhe deu suas roupas e agora João vinha lhe cobrar o dinheiro de um jogo anterior. Já João estava acusando Pedro de "safado" e "ladrão", pois estava se recusando a pagar uma aposta concordada entre os dois. Contudo, tudo se passava na linguagem do jogo: quem possuía a última palavra sobre a discussão, quem teria a legitimidade de dar um ponto final e sair como vencedor seria quem de fato ganhasse a partida. Com a vitória, João passou a esbravejar seus pontos de vista, que não tinham nada a ver com o jogo em si. Pedro, por sua vez, teve que aceitar e calar sobre a discussão.

É interessante nesses casos a forma como o conflito emerge pelo jogo de sinuca. A sinuca é emblemática para as pessoas que freqüentam o Bar do Morro. O jogo pode ser interpretado como um meio através do qual esses homens fazem emergir conflitos, acordos, desentendimentos e outros aspectos do cotidiano do bar. Apesar dos episódios acima fazerem referência a discordâncias entre os fregueses, também muitas manifestações de amizade são expressas pela sinuca. É comum, por exemplo, um sujeito declarar "apoio" a algum jogador que está disputando uma partida, principalmente se ele tiver anteriormente perdido para o outro jogador.

A sinuca, então, celebra os temas valorizados nessa sociabilidade: através do entendimento que fazem dos jogos, essas pessoas elaboram metáforas para falar de caráter, masculinidade, status social, conduta, idade, etc. Por meio do manuseio de um taco e na mira de uma bola, o status de alguém do bar é negociado, afirmado ou insultado. Guedes (1997) também verificou essa exposição de status no convívio com homens trabalhadores de camadas populares no ambiente do bar. Segundo a autora, através da exposição da virilidade, os bares constituem espaços disponíveis para os homens quando eles estão predispostos a por em jogo bens, identidades e fatos.

3.5.1 Sinuca e personalidade

Os fregueses do Bar do Morro fazem várias analogias entre o jogo de sinuca e características da personalidade individual. Não que isso seja entendido de forma determinada: "quem joga assim é assado". Mas dentro da vida social do bar, o indivíduo está sujeito a ter sua conduta julgada da maneira como se comporta em uma mesa de sinuca. Estilos de jogos e caráter são relacionados, não confundidos.

Assim certas jogadas são consideradas "ousadas", pois possuem uma dificuldade muito grande de serem efetivadas e trazem bastante risco para quem as arrisca. Quem as tenta é considerado um jogador "corajoso". Esses "buscam o jogo", tentam fazer suas bolas diretamente e "não se importam" se o adversário ficará em uma situação privilegiada. Há também como manter a "dignidade" no jogo. "Não desistir" nunca: mesmo com uma ampla desvantagem de bolas sobre a mesa, tentar manter a dificuldade para o adversário. O jogo de "malandro" ou "cobra criada", nas palavras dos fregueses, se utiliza das regras do jogo para obter vantagens no decorrer da partida. Assim erram-se bolas de propósito e as partidas são "cozinhadas" por meio de posicionar suas bolas bem perto das caçapas a fim de tapá-las. Desse modo, não deixam que o adversário "encaçape" suas bolas.

Há uma técnica de jogo chamada de "bilú". Essa jogada constitui em esconder a bola branca atrás das suas, impedindo que o adversário consiga tocar nas próprias bolas de maneira direta. Assim, o oponente é forçado a fazer "uma tabela" para alcançar suas bolas, pois caso não consiga tocar nelas, uma bola do adversário tem de ser tirada da mesa. Ou seja, o jogador tem que jogar o "bolão" na margem da mesa de modo a fazer uma triangulação para que consiga tocar em uma bola sua. Quanto tal procedimento começa a se tornar muito repetitivo, configurando um padrão de jogo, o jogador começa a ouvir críticas de seus adversários. É dito que ele está "se escondendo", é chamado de "covarde", "fujão", "mesquinho" etc. A

essas críticas, o acusado responde que "é coisa do jogo!" ou "da natureza da partida". Ou seja, tenta demarcar a distinção entre as duas coisas: jogo e caráter, enquanto que o adversário tenta exatamente o contrário, relacioná-las.

Geralmente as analogias entre caráter e comportamento na mesa de sinuca ficam restritas ao universo das partidas. Não há muita possibilidade de alguém ser considerado de fato uma "pessoa corajosa" porque adota um determinado estilo de jogo. Igualmente, é difícil um jogador ser reconhecido fora do bar por jogar "escondido". Entretanto, em função do significado de uma específica jogada, uma determinada partida pode provocar um desentendimento mais sério.

Gérson me contou que tinha um amigo com o qual sempre jogava junto. Como os dois jogavam muito bem e eram muito exigentes nas escolhas de seus adversários, quase sempre acordavam de jogar um contra o outro. Entretanto, em um jogo no qual Gérson estava com uma bola em campo enquanto seu oponente já havia ficado pela bola preta, esse, de propósito deslocou o bolão para o canto da mesa, sem acertar nenhuma bola. A bola que Gérson tinha em campo saiu e esse ficou igualmente pela preta, porém "snocado" [13]. Seu adversário havia lhe aplicado o "bilú". Conta Gérson que a partir dessa partida nunca mais jogou com seu adversário, rompendo a amizade na hora. Sua principal reclamação era que os jogos entre eles não eram apostados. Segundo ele, um homem que fazia isso em um jogo "de amigos" não é "digno" de se disputar uma partida de sinuca

3.5.2 Sinuca e status social

É dito no Bar do Morro que quando alguém vence continuamente quem o desafia se torna o "dono da mesa". Para obter esse objetivo são necessárias por volta de dez vitórias em seqüência, mas geralmente a medida utilizada é por tempo: "fiquei das 15 às 18h sem perder de ninguém". Um fato assim é lembrado durante dias no bar. O feito é considerado ainda maior se o jogador disputou todas as partidas valendo dinheiro, onde a pressão dos jogos é ainda mais intensa. Quando alguém vem se destacando nas partidas, jogando com mais freqüência e obtendo mais vitórias, é nítida a mudança de comportamento dessa pessoa. Passa a freqüentar mais o bar, fica mais à vontade nesse ambiente, faz mais piadas em público e interage mais com os outros freqüentadores.

[13] Ficou impossibilitado de tocar diretamente em suas bolas de jogo.

A relação entre a sinuca e status social de um indivíduo dentro do Bar do Morro é evidente. É inegável que os jogadores mais habilidosos são os sujeitos mais estimados naquele ambiente. A autoridade dessas pessoas se evidencia, por exemplo, quando são chamadas para tirar dúvidas sobre as regras ou sobre uma situação específica da partida. Inclusive, essas perguntas podem ser feitas inclusive em momentos em que essas pessoas não estão nem atentas à partida.

O prestígio dado à habilidade no jogo de sinuca torna constrangedor para um senhor de mais idade, por exemplo, perder para alguém muito mais novo. Através do jogo, o respeito daquele "senhor" é abalado naquele momento. Nessas situações, é normal o deboche, sendo familiares frases do tipo: "o guri! Respeita os cabelos brancos do velho, que ele vai dizer quando chegar em casa?!". Perder para alguma mulher então, nas raríssimas vezes em que se encontra uma jogando, é considerado ainda mais embaraçoso.

Durante o trabalho de campo aconteceu uma situação muito curiosa, quando a esposa do Jorge começou a freqüentar o bar de maneira cotidiana e a jogar sinuca de forma freqüente. Como joga relativamente bem, às vezes vence uma ou outra partida. Nas suas vitórias a situação fica bastante constrangedora para seu adversário, que se torna alvo de piadas e zombarias. Houve um jogo em que ela ganhou "de capote" de Pedro. Tal fato ganhou notoriedade e foi comentado durante muitos dias no Bar do Morro. Pedro, tomado de constrangimento, tentou sem muito sucesso naturalizar o acontecimento, apontando outros jogadores que também já haviam perdido para ela. Porém, de acordo com as pessoas que me contaram a história, havia logo em seguida saído do bar "todo emburrado", ficando alguns dias sem aparecer no bar.

O fato de uma mulher ir ao bar não foi motivo de constrangimento ou de estranhamento, visto que ela já era conhecida daqueles homens. O que causou notoriedade e espanto foi o fato dela ter se predisposto a participar e obter sucesso no jogo de sinuca, uma atividade valorizada nesse local. Pedro não ficaria constrangido caso tivesse sido derrotado na "escova" ou se tivesse tido pior sorte no caça níquel. Esses jogos não têm o mesmo significado que a sinuca para essas pessoas.

Igualmente, Pedro não ficou constrangido pela simples presença da mulher no bar. Somente estar no Bar do Morro não demarca nada *a priori*. É necessário jogar bem sinuca, ser um bom bebedor, estar incluído nas conversas, etc. São essas atividades que demarcam a intimidade com a vida de bar ou de "botequeiro", nas palavras dos fregueses. E foi exatamente isso que foi atingido pela esposa do Jorge quando deu um "capote" em Pedro.

Quando o status de um indivíduo é posto em jogo pela sinuca, não se trata de um risco puramente metafórico. A condição da pessoa é abalada de maneira consistente e isso se reflete nas interações sociais do bar. Não que uma partida ocasional seja eternamente lembrada. Mas o desempenho nesse jogo é levado em conta na classificação dos sujeitos dentro da sociabilidade que acontece no Bar do Morro. Nesse bar, quando alguém se predispõe a jogar uma partida de sinuca está se expondo ao público: naquele momento, fica disponível para ser avaliado de acordo com seu desempenho na partida. Ou seja, os aspectos próprios e específicos dessa sociabilidade "de bar" possuem peso na configuração do status social dentro do Bar do Morro.

Todavia, para fora do bar pouco importa a habilidade de um sujeito em um jogo de sinuca. No "pedaço" as pessoas não irão ser avaliadas em função disso. Contudo, isso não desqualifica a sinuca em si. O fato de ela fazer referência à configuração do status social dentro do bar não indica que ela não seja portadora de uma "relevância" maior. Seria isso supor que a vida social do bar não possui pertinência para essas pessoas. Exatamente o contrário do que a etnografia percebeu. As pessoas valorizam suas relações sociais de "bar", e se a sinuca põe em risco o status de um indivíduo ali dentro, é porque ela possui significância e é valorizada pelos fregueses que freqüentam esse local.

Na sinuca, há toda uma disputa que envolve masculinidade, status social, dignidade, caráter, etc. Esses são temas expressos e configurados através do jogo de sinuca. Ao estudar as brigas de galos balinesas, Geertz (1989) propôs que essas possuem a qualidade de assumir os temas relevantes de uma cultura, ordenando-os em uma estrutura globalizante. As brigas de galo, nesse sentido, tornam significativa uma experiência comum e cotidiana. Nesse sentido, a sinuca também faz uma construção dos temas valorizados, tornando-os significativos. Esse jogo é um exemplo da experiência social de estar no bar, onde a qualidade dessa sociabilidade se exibe de forma visível.

3.6 Técnicas corporais

Na sinuca jogada no Bar do Morro é exigido um domínio específico sobre os movimentos do corpo. Entre outros aspectos, há um posicionamento de pernas no momento da tacada, uma firmeza na mão ao dar suporte ao taco, uma técnica particular de disposição dos dedos sobre a mesa, uma intensidade apropriada com que se deve bater na bola com o taco, a região certa da bola que é pressionada a fim de "dar o efeito", etc. Esses são elementos importantes ao longo do jogo e exigem dos jogadores um comando sobre seus movimentos.

Uma “tacada” na qual o jogador faz o uso correto do corpo produz um efeito sobre os expectadores, fazendo com que haja uma maior expectativa em torno daquele jogo.

As formas de jogar sinuca são técnicas socialmente apreendidas no convívio cotidiano, elas demarcam quem possui ou não intimidade com o jogo e definem também quem possui ou não intimidade com a “experiência do bar”. Esse doutrinamento corporal remete às técnicas corporais de Marcel Mauss (2003). Essas são, segundo o autor, gestos manifestos do corpo de caráter tradicional. Ou seja, são apreendidas e educadas, compondo a natureza social do *habitus*. As técnicas corporais estão relacionadas à trajetória da pessoa e a posição que ocupa na sociedade. Portanto, os códigos que o corpo manifesta são especificamente culturais, estando inscritos em sistemas de valores.

A expressão dos valores que essas pessoas apreciam é manifesta na atitude corporal dos homens que jogam sinuca, no prestígio dessa atividade naquela rede de indivíduos. É devido à valoração que se dá a sinuca no Bar do Morro e também pelos fregueses a praticarem todos os dias, que toda uma técnica corporal apropriada é desenvolvida para jogar esse jogo. Esse doutrinamento do corpo também da forma a natureza artística e performática dessa atividade: cria-se uma noção comum entre as pessoas do bar do que seja uma “bela jogada”, uma “bola bonita” ou uma tacada “de qualidade”. Assim como também se cria um consenso de quando o jogo é “mal jogado”, “feio” ou de “pouca qualidade”.

3.6.1 Uma específica forma de perceber e lidar com o excesso

A sinuca expõe o indivíduo ao público. Quando se está jogando não se está mais em um momento particular seu. Conseqüentemente, se está também sujeito às avaliações dos outros fregueses do bar. “Fazer feio” na sinuca em função de beber é extremamente mal visto no Bar do Morro. Quando se perde a qualidade do jogo em função da bebida, há uma definição clara do que é o uso e o abuso do álcool. Devido ao caráter performático da sinuca e ao consenso comum de sua qualidade, quando a bebida interfere na habilidade do jogador é considerado que a pessoa bebeu em excesso.

No domínio sobre o corpo que a sinuca exige se evidenciam, então, fronteiras nas maneiras de beber. O consumo de álcool é assim também verificado na relação com o corpo. Esse se torna um veículo privilegiado de construção das concepções sobre as positividades e negatividades das bebidas alcoólicas. Por mais embriagado que um sujeito possa parecer estar, se ele se propõe a jogar e corresponde ao nível de exigência dos fregueses do bar, não há motivos para ser julgado pelos outros fregueses.

Nesse sentido, um jogo disputado entre Paulo e João pareceu emblemático no bar. João é considerado pelos outros fregueses como o melhor jogador do bar. Viveu cerca de dez anos como jogador profissional de sinuca através do patrocínio de bares para que disputasse torneios. Nessa ocasião, fazia dias que não perdia uma partida, mas quando jogou contra Paulo perdeu feio e fácil, deixando quatro bolas sobre a mesa. Houve consenso no bar que o motivo pelo qual João perdera tão fácil foi por ter tomado muitos "martelinhos". Essa partida causou para ele um forte embaraço, fazendo com que demorasse alguns dias para voltar a jogar novamente.

O que foi reprovado em João não foi fato de ele ter ingerido quantidade "x" de bebida, mas o fato de ter resolvido jogar sinuca depois disso e de ter tido um péssimo desempenho. Se tivesse se preservado nessa situação e não tivesse se exposto publicamente para jogar, seus "martelinhos" não causariam maiores problemas. Da mesma forma, se tivesse tido melhor sorte durante a partida, não iria se atentar para o fato de se ter bebido ou não.

A exclusão de "bêbados" do jogo de sinuca é freqüente no Bar do Morro. Quando alguém bastante embriagado se predispõe a jogar na mesa principal é feito certo movimento para que isso não aconteça. Talvez em função disso João não foi proibido de jogar naquele dia. Apesar de ter se excedido naquela ocasião, não demonstra esse comportamento habitualmente. Essa restrição, no entanto, é sempre efetivada com muita cautela, através de atos simples. Geralmente se trocam a ordem das fichas dessas pessoas ou as convencem que ainda não é a sua vez de jogar. Entretanto, quando a insistência é muito grande, os meios para evitar que esses homens joguem são mais incisivos. São dados empurrões, o taco é retirado à força de suas mãos ou são essas pessoas são desqualificadas através das acusações de "bêbadas", "pinguças", "pés de chinelo", etc. Já na "segunda" mesa, esse controle não é tão rígido. Ali a bebida, o "gritero" e a espontaneidade são aceitos com maior permissividade.

Para algumas pessoas que freqüentam o Bar do Morro, a sinuca pode ser utilizada como espécie de "prática terapêutica" no que diz respeito ao consumo de álcool. Quando alguém começa a se envolver mais intensivamente com esse jogo, é normal se "afastar" um pouco da bebida. Dario se tornou um exemplo disso no bar. Quando tomou a decisão de se afastar das bebidas, em função das complicações que esse hábito vinha lhe causando, não necessariamente ele se afastou do bar. Pelo contrário, continuou freqüentando o Bar do Morro com a mesma freqüência. Mas agora tinha comprado um taco de sinuca pra si próprio e tinha reservado um armário dentro do bar para guardá-lo. Inclusive estranhei quando encontrei o jogando sinuca todos os dias no bar. Nunca me pareceu que ele fosse muito interessado nesse

jogo, pois nunca o tinha visto disputando uma partida. Porém, esse foi o modo achado por ele para continuar a freqüentar o bar e parar de beber.

De forma geral, é comum que no Bar do Morro as pessoas mais identificadas com a sinuca tenham menor disposição para beber. Daqueles sujeitos que freqüentam o bar e não consomem nenhuma bebida alcoólica, por exemplo, todos vão ao bar para jogar sinuca. E a grande maioria possui seus próprios tacos. Igualmente, quando se está com mais vontade de beber é comum se afastar das mesas, contentando-se com os comentários, torcidas e palpites.

O jogo de sinuca é uma atividade emblemática do bar. Através das partidas, os temas valorizados por essas pessoas são configurados na linguagem específica do jogo. Assim seus entendimentos de caráter, conduta, personalidade e status social são pensados e sistematizados através das partidas.

A sinuca ofereceu um aspecto muito característico para pensar a relação que aqueles homens mantêm com as bebidas. Esse jogo, ao exigir uma técnica corporal singular, adquire para as pessoas que freqüentam o Bar do Morro um caráter artístico e performático. Quando o jogo perde tais atributos em função das bebidas alcoólicas é entendido que o consumo foi excessivo. Cria-se assim uma forma muito particular de se perceber e acusar o uso problemático do álcool. Da mesma forma, também através desse jogo, essas pessoas encontram uma maneira igualmente particular de lidar com os problemas que porventura o álcool possa lhes trazer. Nesse sentido, a sinuca é sempre uma alternativa a quem deseja diminuir o consumo alcoólico.

Capítulo 4

HOMENS, MULHERES E BEBIDAS

Esse capítulo trata das relações de gênero no Bar do Morro. Será descrito como se dá a utilização do espaço do bar entre homens e mulheres, assim como seus hábitos em relação às bebidas alcoólicas. Também irá se discutir como esses homens pensam a masculinidade, através de que valores esse ideal se constitui e como emergem nas relações sociais. Esse esforço é feito no sentido de perceber qual a relação entre essa dimensão da vida social e o consumo de bebidas alcoólicas. Ou seja, perceber de que modo as relações entre os gêneros também dão forma ao beber e qual o seu papel na configuração de prescrições e proscrições sobre essa prática.

4.1 Várias masculinidades

Segundo Strathern gênero é um tipo de categoria de diferenciação. Através da classificação de homens, mulheres, objetos, espaços, atitudes e eventos, gênero concretiza as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais (Strathern apud Costa 2002). Portanto, a própria idéia de que há uma masculinidade que se constrói através da manipulação de símbolos específicos é fruto de uma determinada relação de gênero. Motivo fundamental pelo qual o estudo da masculinidade deve estar inserido dentro desse campo.

De acordo Rosely Gomes Costa (2002), a masculinidade é construída através de múltiplas relações, estabelecidas entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres. Deste modo, a masculinidade está ancorada em uma perspectiva relacional, devendo-se pensar a construção do masculino e do feminino de maneira comparativa. Torna-se um erro então associar sem mediações as relações homem/masculino ou mulher/feminino, caindo-se no risco de essencializar essas noções (Costa 2002). Mesmo em pesquisas feitas somente entre homens, ou quando esse grupo é a maioria dominante no contexto, caso desse trabalho, são as relações entre o masculino e feminino que devem ser atentadas.

Para Monteiro (2002), não se deve tomar o conceito de identidade masculina como unificador da experiência, devendo-se recusar os referentes fixos e invariáveis para sua elaboração. Assim surgem diferenças no interior de sua categoria e a masculinidade passa a ser percebida como múltipla e heterogênea: uma experiência fragmentada que muitas vezes pode ser contraditória e desigual (Monteiro 2002). Ser “homem” não engloba todas as

possibilidades possíveis desse gênero. Diversas formas de sê-lo estão disponíveis aos indivíduos, associadas a elementos como estilo de vida, consumo, idade, classe social, sexualidade, etc. (Monteiro 2002:243). Essa posição, inclusive, faz com que a "experiência masculina" não seja tipificada e restrita somente a homens. Para o autor, esse entendimento da idéia de masculinidade é fruto da desconstrução do "sujeito cartesiano", que calcado na razão iluminista, é tido como coeso, unificado e racional. Ou seja, o lócus da subjetividade por excelência, contida dentro do corpo individual (Idem).

Portanto, ao invés de trabalhar com um modelo de masculinidade que consiga abarcar toda e qualquer experiência entre homens, reduzindo todos os indivíduos a uma experiência comum, é mais correto trabalhar com a idéia de várias masculinidades, constituindo uma identidade múltipla e plural (Monteiro 2002). Visto que em determinados momentos alguns atos podem ser considerados provas de masculinidade que não seriam em outros lugares, para entender as relações entre os gêneros torna-se fundamental estabelecer os contextos onde elas acontecem. Novamente de acordo com Rosely Gomes Costa (2002), as identidades masculinas devem ser concebidas como situacionalmente construídas e definidas no cruzamento de sistemas de alteridade e estratificação. Nesse sentido, não é só o espaço que se mostra como variável, mas também as pessoas que estão em interação, os objetivos e as relações de poder em jogo.

Pretendo nesse capítulo pensar essa multiplicidade de referenciais possíveis para formação da identidade masculina. Mostrar, por meio dos diferentes modos em que são acionados os elementos que conformam essa identidade, que diversas possibilidades de ser masculino estão em jogo para as pessoas que freqüentam o Bar do Morro. Essas diversas maneiras de conceber a masculinidade também dão forma à diferentes relações com as bebidas alcoólicas. A etnografia, do modo como feita nesse trabalho, através um convívio próximo e cotidiano, pode pensar a constituição dessas identidades masculinas através das práticas das pessoas. É um meio privilegiado para perceber a multiplicidade da categoria "homem" através de uma abordagem que valorize suas negociações constantes.

Em seguida abordarei as semelhanças e diferenças no comportamento entre homens e mulheres no Bar do Morro, já que foi percebida certa continuidade nesse aspecto. Também será visto como se dá a utilização do espaço do bar por homens e mulheres e que tipo de relação entre os gêneros isso configura.

4.2 Homens e mulheres

Uma marcante diferença entre homens e mulheres no Bar do Morro é que no espaço interno do bar, os primeiros podem se tornar quase que seres anônimos, ou seja, podem entrar e sair do estabelecimento sem serem notados. Um homem pode tranquilamente entrar no Bar do Morro, pedir uma bebida no balcão, tomá-la sozinho ou se sentar junto à mesa de outro homem, que inclusive ele não precisa conhecer. Se quiser, pode "puxar papo", mas não é necessário que isso aconteça. Não é obrigatório que socialize. Já para as mulheres não está disponível esse modo de estar no bar: se entrarem no Bar do Morro não poderão se misturar à sociabilidade que ali ocorre sem serem notadas ou até mesmo estranhadas. Elas não poderão sentar em uma mesa junto a outros homens desconhecidos, ficar em volta da sinuca, entrar e sair do bar com a mesma naturalidade de quem entra e sai de casa.

Essa diferença faz referência a divisões de ordem espacial no Bar do Morro. Segundo Guedes (1997), pode-se entender as relações de gênero pensando através das categorias de tempo e de espaço, visto que esse tipo de demarcação referencia as distinções entre homens e mulheres. Assim, se há alguma freqüentadora no Bar do Morro, é normal que essa fique na parte externa do bar, junto à lancheria e não na parte interna desse, o "bar" propriamente dito, lugar onde estão os homens. É interessante notar que se há uma concepção geral que demarca o bar como espaço da rua, associado ao universo masculino, em oposição ao espaço da casa, relacionado ao feminino (DaMatta 1997), particularmente dentro do Bar do Morro essa lógica parece se inverter. Ali a parte interna é associada à relação social entre os homens, enquanto que a parte externa, composta pela lancheria e pela calçada, é onde se encontram as mulheres.

De modo geral, são raras as vezes em que aparecem mulheres no interior do bar. O mais comum é quando atravessam eventualmente esse espaço para utilizar o banheiro feminino que ali fica. Esse, diferente do masculino, é trancado, o que faz com que elas também tenham que passar no balcão para pegar a chave. Na maior parte das vezes que isso acontece os homens agem com naturalidade, pois as mulheres que costumam utilizar o banheiro são sempre as mesmas: alguma namorada ou filha de um freguês, garotas de programa do bairro ou atendentes de estabelecimentos comerciais próximos.

A maioria das freguesas do Bar do Morro vão ao bar nos finais de semana, não chegando a freqüentar-lo de forma cotidiana. As únicas a freqüentarem o bar todos os dias com naturalidade são as caixas e garçonetes. Elas falam com os clientes de forma amigável, fazem piadas e brincadeiras e se aceita com familiaridade suas ocasionais presenças nas rodas

de conversa. No entanto, não é "qualquer" garçonete que ali trabalha. Como já dito[14], essas mulheres são filhas do dono do bar e uma delas é esposa do caixa, genro do Jair. Sua condição de "trabalhadoras" e não de "freqüentadoras" do estabelecimento também contribui para que se sintam mais à vontade.

Contudo, além das mulheres que utilizam o banheiro feminino e das caixas e garçonetes, há duas mulheres que freqüentam o espaço interno do bar de forma mais freqüente. Uma delas é namorada de um freguês e até recentemente era garota de programa. Constantemente era avistada na "boca de fumo" ou no espaço da oficina, onde geralmente ficam, por questão de segurança, as mulheres que "fazem ponto" na rua do bar. A outra é esposa do Jorge, um freguês assíduo do Bar do Morro, e há bastante tempo conhece os outros freqüentadores, visto que o relacionamento entre os dois já é antigo.

Essas mulheres, então, não são "quaisquer" namoradas ou esposas nem seus companheiros são "quaisquer" freqüentadores. Elas já conhecem anteriormente os outros fregueses do bar: só socializam naquele ambiente na medida em que já são familiarizadas com as pessoas que freqüentam o Bar do Morro através de outros espaços de socialização. Essas também são mulheres "da rua", no sentido que ocupam uma posição peculiar de contraste com mulheres "da casa". Já os fregueses, somente aqueles muito assíduos e muito conhecidos do bar chegam a levar suas companheiras para esse local. Se alguém não é freguês assíduo e não possui um vínculo mais pessoal com os ali presentes, é considerado bastante inapropriado levar sua esposa ou namorada ao Bar do Morro.

É uma dessas mulheres, a esposa do Jorge, que começou a freqüentar o bar de maneira bastante intensa, principalmente através do envolvimento com o jogo de sinuca. Sua atitude no local é considerada pelos fregueses como bastante masculina. É uma mulher "faca na bota", nas palavras dos homens que freqüentam o bar: utiliza os termos próprios do bar para o jogo de sinuca, debocha dos outros homens nas partidas que disputa e faz comentários e críticas ao jogo de outros fregueses. Sua postura também é bastante impositiva quando algum "bêbado" vem lhe pedir dinheiro ou lhe importunar com conversas "longas" e "chatas". Da mesma maneira que os outros homens, ela também debocha, reclama e "faz graça" com essas pessoas.

Homens e mulheres possuem então formas distintas de se apropriar do espaço do bar. Ocupam espaços diferentes dentro do estabelecimento, assim como também vão ao Bar do Morro em dias diferenciados. A seguir abordo os elementos que percebi como fundamentais

[14] Ver pg. 2.

para se pensar masculinidade e relação de gênero no bar. São eles a noção de autocontrole e o valor pelo trabalho.

4.3 Autocontrole

Em sua dissertação de mestrado, Denise Jardim percebeu que para os freqüentadores dos "botecos", "o autocontrole e o controle sobre os outros é um valor fundamental relacionado à masculinidade" (Jardim 1991:143). Essa noção também foi percebida como sistemática para a definição da masculinidade entre os fregueses do Bar do Morro. Através da idéia de autocontrole ficam mais claras as construções das diferenças entre os gêneros, o que efetiva a compreensão das relações entre esses homens e mulheres com as bebidas alcoólicas.

A noção de autocontrole, para os homens do Bar do Morro, diz respeito a como eles se percebem como tendo domínio por seus desejos e vontades e está fortemente relacionada ao beber. Há, dessa maneira, diversas maneiras de demonstrar o controle sobre o álcool. Quando estão dois ou mais homens em uma mesa, por exemplo, é comum observar alguém que está tomando o último "trago" se indagar em voz alta se vai ou não tomar outro, se aquela bebida é de fato a última. Na maioria das vezes em que isso acontece, acaba se decidindo, também em voz alta, que a quantidade de bebida que se havia se consumido já era o suficiente. Dessa forma, se expressa para os colegas de bar a dúvida entre mais um "martelinho" ou ir para casa. Mostra-se tentado e com vontade de beber mais, porém, no fim, toma a decisão de parar e se despedir do estabelecimento, controlando o desejo. Nesse sentido, também é comum uma pessoa "anunciar" em público a quantidade de bebidas que tomou, recebendo a aprovação, também pública, de outros companheiros do bar.

Também há outra situação igualmente característica. Quando, por exemplo, o sujeito pergunta de forma explícita ao seu amigo e colega de bar se ele acha que está bebendo demais. É em função dessas pessoas partilharem das mesmas concepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas que esse tipo de comunicação funciona. O freguês do bar pede a opinião de uma pessoa que possui uma relação com o álcool que é semelhante a sua por ser estruturada pelos mesmos valores. Por isso, é comum o conselho de um amigo do bar ser considerado mais valioso que advertências vindas de fora, como, por exemplo, a família, a igreja ou os alcoólicos anônimos[15].

[15] Duas pessoas no bar já freqüentaram instituições de tratamento ao alcoolismo. Um freqüentou os alcoólicos anônimos enquanto outro foi internado em um hospital psiquiátrico.

4.3.1 Vários controles, várias masculinidades

A maneira como a idéia de autocontrole é significada dá margem à configuração de relações distintas com as bebidas alcoólicas. Os fregueses possuem modos específicos e particulares de expressar controle sobre essas, que muitas vezes referem-se a maneiras diferentes de beber. Em função de haver diferentes interpretações do que é ter controle e de como isso estrutura uma relação com as bebidas, também divergem os referenciais de identidades masculinas baseados nessa noção. Os indivíduos então questionam uns aos outros sobre suas respectivas maneiras de consumo alcoólico, colocando suas masculinidades em jogo.

Enquanto, por exemplo, alguns freqüentadores do Bar do Morro me comentavam que não bebiam dentro de casa, no sentido de querer explicitar seu controle dentro do espaço privado, outros afirmavam que não eram "bebedores de bar", que só ingeriam álcool em casa por que "sabiam beber". Ou seja, enquanto alguns homens atestavam seu autocontrole através da opção por não beber em casa, um espaço que a princípio não estariam sob o controle social, outros fregueses já afirmavam o domínio sobre a bebida ao dizer que não bebiam em bares, associando o consumo moderado ao consumo caseiro.

Pedro, um dos freqüentadores do bar que não ingere nenhuma bebida alcoólica, toma tal fato como essencial para definição de sua identidade no bar. Nas suas falas transparece um orgulho por ter freqüentado bares desde muito cedo, desde os quinze anos, e nunca ter bebido nesses locais. Ele se vê então no direito de dar conselhos aos outros fregueses. Certa vez me contou que havia tido uma conversa com João, sugerindo a esse que deveria "dar um tempo" com a bebida, que se vestisse melhor e arranjasse um emprego fixo, e que inclusive o ajudaria com dinheiro caso fosse necessário. À recusa de João, que respondeu que era "dessa vida" que ele gostava, Pedro veio a mim se queixar dizendo que "se pode tentar ajudar a tornar um homem mais digno, mas se o homem não quiser, não tem quem ajude".

A noção de autocontrole também dá margem para configuração de diferentes tipos de bebida que são escolhidas para beber no Bar do Morro. Contrária à atitude de Pedro mencionada acima, alguns fregueses vinham me falar que só bebiam cachaça no bar, "porque essa é que é bebida de homem". Ouvi muitas vezes dos bebedores de cachaça que quem tinha preferência por essa bebida era porque tinha um controle muito forte sobre o álcool, visto que ela embriagava muito depressa. Entretanto, de outros freqüentadores, ouvi que "se alguém aqui tá bêbado pode ter certeza que é de cachaça", associando essa bebida como própria dos bêbados problemáticos. Aludiam que essas pessoas elegiam a cachaça exatamente pela falta

de controle sobre o beber. Entre esses fregueses era comum a preferência pela cerveja como bebida cotidiana do bar.

Os fregueses que misturam bebidas alcoólicas também são alvo de críticas por parte de alguns freqüentadores que não concordam com essa prática: "tem uns aí que vem pro bar e bebem cachaça com cerveja, não sei pra que! Parece que ficam procurando um jeito de se embebedar mais!". Os praticantes desse modo de beber, por sua vez, diziam que bebiam dessa forma "porque conseguiam", "eram fortes para bebida".

4.3.2 Beber masculino e o beber feminino

Entre as pessoas que freqüentam o Bar do Morro, há uma visão geral de que os homens são mais "resistentes" para a bebida que as mulheres. O organismo dos homens é tido como mais "forte" por "processar" o álcool de forma diferenciada. Isso significa que para essas pessoas, os homens podem consumir uma quantidade muito maior de bebidas alcoólicas que as mulheres para ficarem "bêbados". Em conseqüência, mas também por estarem mais habituados a beber, os homens são tidos como capazes de perceber com maior sensibilidade quando estão começando a se embriagar. Ou seja, identificam com maior precisão o momento de parar de beber e logo possuem mais controle sobre as bebidas que as mulheres. Esse tipo de controle, de acordo com os homens do Bar do Morro, não é característico das mulheres, já que se entende que seus corpos são mais fracos para as bebidas.

A relação homem/resistente e mulher/fraca operada pelos fregueses do Bar do Morro para pensar as relações entre os corpos e as bebidas é indicativa de outros pontos significativos das formas masculinas e femininas de consumo alcoólico nesse bar. Por exemplo, os tipos de bebidas preferencialmente consumidas por homens e mulheres. Quando pensada nessa oposição, a cachaça é nitidamente uma bebida masculina, consumida preferencialmente por homens. Por ser mais alcoólica, essa bebida é percebida como "mais pesada", e conseqüentemente, forte demais para o organismo feminino[16]. Portanto, quando as mulheres vão ao bar elas só consomem cerveja, uma bebida que é considerada mais fraca. Contudo, de forma alguma a cerveja no bar é considerada uma bebida feminina: acontece que essa é a bebida disponível para as mulheres no bar. Outra diferença perceptível no Bar do Morro entre o beber masculino e o feminino, é que os homens são "donos" de suas bebidas, enquanto que as mulheres não. Os homens podem beber isoladamente suas bebidas, seja ela

[16]Jardim (1991) também menciona a preferência dos homens nos "botecos" por bebidas e comidas "fortes", entendendo essa noção como expressiva de um padrão sociológico dos gostos masculinos.

qual for e independente de ter sido paga por outra pessoa. Já as mulheres bebem exclusivamente na relação, ou seja, através da divisão das bebidas. A partir disso se tornou compreensiva uma expressão muito comum entre os fregueses do Bar do Morro: quando se fala em "tomar a 'sua' cerveja" ou "sua cachaça". É comum ouvir dos homens: "vou ao bar tomar a 'minha' cerveja" (ou qualquer bebida em específico); e das mulheres: "o fulano foi no bar tomar a 'cervejinha' dele", ambos dando ênfase ao pronome possessivo. Expressões desse tipo não são ditas nem dirigidas às mulheres que freqüentam o Bar do Morro.

As mulheres não possuem suas "bebidas próprias": não as compram diretamente no balcão e não as tomam sozinhas. Quando estão juntas de uma ou mais mulheres, elas bebem conjuntamente da mesma garrafa. Diferente dos homens, que podem muito bem beber juntos em uma mesma mesa e cada um com a sua própria bebida. Já quando acompanhada de um homem, a mulher bebe junto da bebida desse: é sempre o homem quem escolhe e pede a bebida no balcão, que serve o copo da mulher e que determina quando se vai começar e parar de beber. Isso não quer dizer que não se "rache" a conta no final ou que a mulher a não a pague inteiramente. Mas independente disso, é a mulher que está bebendo "com" o homem, visto que é esse quem preferencialmente tem maior liberdade de tomar decisões como o tipo de bebida que será consumida, em que espaço do bar e quando se irá começar e parar de beber. É mais comum, por exemplo, em uma mesa ocupada por um casal, o homem beber e a mulher não, do que a situação inversa: uma mulher bebendo junto de um homem que nada toma.

Essas diferenças estão relacionadas com diferentes utilizações do espaço do bar. Como não há mulheres solitárias freqüentando o Bar do Morro, vai ser muito difícil encontrar uma que consuma sua própria bebida. Também as mulheres beberem entre si de uma mesma garrafa é conseqüência do fato que elas vão juntas ao bar, quer dizer, não se encontram lá e sim chegam ao Bar do Morro juntas. Diferentemente dos homens, que vão sozinhos ao bar, porém lá encontram seus amigos.

A noção de autocontrole foi percebida como uma preocupação dos homens. Eram eles que elaboravam as distinções entre o controle masculino e o feminino, baseadas na concepção de um organismo masculino mais resistente. Isso acontece porque é para os homens que a questão do controle sobre a bebida é colocada. São eles que bebem diariamente no Bar do Morro, e logo, é entre eles que irá existir uma maior preocupação em refletir e demonstrar o controle perante o beber.

Outro elemento central para a distinção entre homens e mulheres, que fundamenta as concepções sobre o masculino e o feminino é o trabalho, tema analisado na seqüência.

4.4 O trabalho

O "trabalho", enquanto temática, foi um assunto muito discutido em campo e percebi que se trata de um elemento muito valorizado pelas pessoas que freqüentam o Bar do Morro. As formas de "ganhar o pão", nas palavras dos interlocutores, têm um peso fundamental nas relações sociais. Essa valoração também foi abordada por outros autores. Silva (1978) afirma que nos botequins o trabalho é um importante aspecto na classificação do status entre os fregueses, influenciando também a própria configuração das amizades. Segundo o autor, os sujeitos com emprego de carteira assinada são altamente prestigiados nesses ambientes, pois possuem uma estabilidade financeira que lhes permite crédito com o dono através de uma conta fiada. Já nos bares freqüentados por Magnani (1984), a maioria das "conversas sérias" era iniciada pela apresentação de documentos vinculados ao trabalho dos indivíduos. Segundo esses autores, a posse desses documentos dá aos freqüentadores status social dentro do bar, simbolizando a posse do trabalho e o envolvimento com pessoas "prestigiadas" na sociedade.

A pessoa que diminui de modo abrupto sua freqüência ao Bar do Morro é alvo de críticas jocosas por parte dos outros fregueses. É acusada de nunca mais "visitar o buteco", "se achar bom demais", "ficar esnobe", etc. Nesses casos, o envolvimento com o trabalho é sempre tido como uma boa justificativa para parar de freqüentar o bar. É dito que a freqüência diminuiu em função de se estar sendo mais exigido no ofício ou por ter se arranjado um novo emprego. Isso também acontecia comigo antes do trabalho de campo. Não através do "trabalho" ao qual eles faziam referência, mas em função dos estudos da universidade. Quando era acusado de deixar o bar "de lado", respondia que não estava o freqüentando de modo constante em função da faculdade, que estava me exigindo bastante esforço e me tomava esse tempo de lazer.

Os vários tipos de trabalhos, seus conhecimentos técnicos e particulares, muitas vezes são o teor das conversas e discussões. Nesses diálogos, as pessoas no Bar do Morro freqüentemente contam nos mínimos detalhes como são realizados os procedimentos específicos do ofício em questão. Em função do maciço fornecimento de informações detalhadas, esse tipo de conversa poderia ser considerada inapropriada em outros contextos. No entanto, no ambiente do bar elas eram recorrentes e familiares.

Mesmo sendo essa a impressão geral, verifiquei que essas conversas eram mais particulares e minuciosas comigo. Entendo que isso aconteceu na forma de uma troca. Ao falar da pesquisa, do que seria a antropologia e qual o papel desse tipo de conhecimento, eles também me demonstravam um conhecimento próprio deles, muito específico e valorizado.

Então transmitiam isso para mim através de relatos minuciosos sobre seus empregos, de como os faziam e o que era necessário para isso.

Sobre os diferentes tipos de trabalho, Guedes (1997) afirma que a noção de força é um "operador central" que liga as concepções de homem e de trabalhador. Há dessa forma uma valorização do trabalho manual, colocado em oposição aos trabalhos que não envolvem atividade física, tidos como fáceis. Essa relação também pode ser verificada no artigo de Silva. Para o autor, a masculinidade entre os freqüentadores de botequim está associada à força, resistência física e coragem, o que determina a valorização por um tipo de trabalho particular. Assim, é exatamente através do orgulho pelo trabalho "pesado" e "duro" que os homens expressam um modo singular de positivar a maneira como se inserem na sociedade (Silva 1978:103).

4.4.1 A valorização masculina do trabalho.

Luc Boltanski (1979) afirma que o consumo médico entre os diferentes segmentos sociais varia de acordo as necessidades médicas. Essas, por sua vez, são relativas às classes sociais inscritas na sociedade. Assim, para as pessoas situadas em classes sociais populares, noções de "saúde", "bem estar" e "vigor" são significadas na disposição do corpo para o trabalho. É pertinente a comparação com o trabalho de Guedes (1997). A autora demonstra que o beber negativamente está intimamente relacionado à concepção de homem e trabalhador. Para a autora, o alcoolismo em si não é negativo, mas sim as implicações desse na vida dos indivíduos. É considerado uso problemático do álcool quando há uma afetação negativa no ideal de homem trabalhador valorizado por homens de camadas populares.

Percebo também no trabalho um valor fundamental que dá sentido às maneiras de beber entre as pessoas que freqüentam o Bar do Morro. Essa é uma atividade que não pode ser prejudicada em função do consumo alcoólico, o que qualifica uma relação negativa com a bebida. Enquanto o sujeito conseguir manter seu hábito de freqüentar o bar e consumir bebidas alcoólicas, conjuntamente com o dever de sustentar uma família e exercer devidamente seu trabalho, não há porque pensar que existe um problema no beber.

Essas preocupações com as expectativas de gênero, contudo, não se tratam de uma peculiaridade masculina. Fernanda Alzuguir, em sua dissertação de mestrado com mulheres alcoólatras (Alzugir 2005 apud Alzugir 2010), percebeu que entre as mulheres que bebiam em bares e entendiam tal atitude como transgressora, tal prática não caracterizava uma suspensão das fronteiras de gênero. Para essas mulheres, conjuntamente com o beber "na rua" havia uma

preocupação em manter as expectativas sociais do gênero feminino. Isso era evidenciado por diversas afirmações. Entre outros depoimentos, elas falavam que de não bebiam desacompanhadas, que deixavam seus filhos sob cuidados de outras pessoas ao sair para beber ou também que levavam dinheiro ao bar, afim de que homens não tentassem pagar bebidas em troca de favores sexuais[17].

Em sua tese de doutorado (2010), a mesma autora destaca o papel da vergonha na construção da "carreira moral" do alcoólatra. Segundo Alzuguir, esse sentimento expressa o reconhecimento da ruptura com as prescrições de gênero pela bebida. Entretanto, por outro lado, a vergonha também demonstra que o alcoólatra interiorizou as normas sociais de conduta ao álcool. Nesse sentido, o tratamento em instituições de atendimento ao alcoólatra teria o papel de reinscrever a vergonha sob o crivo da doença (Alzugir 2010). Isso faz com que a construção desse sentimento esteja associada à construção da carreira moral do indivíduo alcoólatra em âmbitos institucionais. Nesse sentido, percebo que o constrangimento desempenha um papel nas formas de lidar com o bêbado problemático no Bar do Morro. O surgimento desse sentimento também expressa a assimilação das regras sobre o consumo de bebidas alcoólicas.

Dessa forma, há uma complacência àqueles que demonstram estar constrangidos quando são acusados de beber negativamente. O sujeito expressa esse sentimento, por exemplo, ao se isolar dos outros fregueses em um canto do bar. Deste modo, revela que tem conhecimento sobre sua transgressão, sendo atenuado nas críticas ao seu comportamento. Também o indivíduo que percebe que está incomodando e se retira do bar por espontânea vontade, pode inclusive voltar ao bar mais tarde. Diferente daquele que é "convidado a se retirar" do estabelecimento que, caso retorne ao bar mais tarde, corre o risco de novamente ter que ir embora. Quando, então, o sujeito não demonstra estar constrangido é porque revela total ignorância dos modos de beber apropriados para o Bar do Morro. A esses indivíduos são feitas as acusações mais pesadas, a fim de que eles interiorizem as noções sobre as bebidas alcoólicas. Quando perguntados por que deferidas acusações tão ríspidas às pessoas assim rotuladas, me era respondido: "é pra ver se ele 'endireita'"!

[17] Em outro trabalho, a autora também analisa o universo masculino. Entre os homens, essa tensão girava em torno do cumprimento ou não da "ética do trabalho" e do homem provedor (Alzugir 2010).

4.4.2 Trabalho e lazer

O trabalho e o lazer, para as pessoas que freqüentam o Bar do Morro, são dois tempos complementares: o primeiro é visto como condição para o segundo. Assim, o tempo que se passa no bar é um tempo lúdico, destinado a quem trabalha e ali procura "relaxar" e "se divertir". O Bar do Morro é uma alternativa para o desfrute do lazer, uma possibilidade do que fazer com o tempo livre legítima aos homens que trabalham: beber no bar é para as pessoas que, com o trabalho, podem pagar por suas bebidas, assim como pagar pela bebida de outra pessoa, que de preferência também trabalhe e possa retribuir a generosidade.

Há assim múltiplas negociações do que é ser um "homem trabalhador" entre os freqüentadores no Bar do Morro. Muito da relação que essas pessoas vão ter com as bebidas passa por como é interpretada sua relação com o trabalho. As questões que envolvem essa temática, como o seu valor, o tipo de oficio mais digno, aquele com melhor custo/benefício, etc. são constantemente discutidas nas conversas de bar. Nessas discussões, alguns sujeitos são classificados como "vagabundos" ou "preguiçosos". Esses geralmente são os que trabalham "de vez em quando" para parentes, "por conta" ou em bicos muito ocasionais. Como é concebido que o tempo de lazer só existe àquele que trabalha, o indivíduo cuja situação é interpretada como de "não trabalho" não terá direito ao lazer. A esse sujeito não será permitido o acesso ao momento prazeroso que o bar propicia. Essa pessoa estará situada dentro do bar de maneira incorreta.

A embriaguez dos indivíduos assim classificados será mal vista no Bar do Morro, pois estão desfrutando de um momento de lazer ao qual não possuem direito. Portanto, quando se interpreta que estão muito embriagados, a principal crítica a essas pessoas não é ao fato em si de estarem "bêbadas", mas ao fato de "não trabalharem": "não sei como é que consegue, não faz nada da vida e anda sempre bêbado, nunca vi!" ou "quando tu arranjar um emprego de verdade eu te empresto dinheiro, até lá não tem nada pra ti!" são frases comuns de acusação a quem é assim rotulado.

Nesse sentido, é esclarecedora a história de outro freqüentador do bar, quando esse trocou o serviço de taxista pelo de pintor. De acordo com ele, a falta de bebida lhe fazia tremer as mãos, dificultando a realização do novo serviço. O meio achado para lidar com a situação foi pedir para que as pessoas que o contratassem avisarem com três dias de antecedência ao dia do trabalho, para que pudesse parar de beber três dias antes de começar a trabalhar. Nesse seu cálculo, no primeiro dia estaria com uma "ressaca" muito forte; no segundo "seu corpo" sentiria tanto a falta do álcool que a tremedeira sobre suas mãos lhe

impossibilitaria qualquer tentativa de pintar; e no terceiro, o dia do trabalho, ele tomava de quando em quando um "trago", não para se embriagar propriamente, mas para "normalizar" o movimento do corpo. Trabalhar desse modo se tornou completamente inviável e o sujeito acabou reconhecendo que estava bebendo fora dos limites, decidindo, então, parar de beber.

Ou seja, as expectativas sociais de gênero sempre devem andar juntas com o beber. Portanto, a eleição do trabalho como uma fronteira fundamental para dar sentido aos usos do álcool é fruto de uma masculinidade baseada nesse valor. De uma forma mais geral, também se pode dizer que a própria eleição de um espaço na rua, o Bar do Morro, destinado à socialização pela bebida entre homens é fruto de uma relação de gêneros que associa essa dimensão do espaço ao universo masculino, ao mesmo tempo em que vê a casa e o espaço privado como próprios do feminino (DaMatta 1997).

4.5 Bar e beber como elementos masculinos

Quando pensado na oposição entre homens e mulheres, vários fatos levam a interpretar o Bar do Morro enquanto um espaço masculino, o que não impede que mulheres o freqüentem. Percebi que os homens possuem uma bebida própria de seu gênero, a cachaça, enquanto que as mulheres não. É uma prática masculina o beber sozinho sua própria bebida, em contrapartida, às mulheres é comum beber na relação. Aos homens é dada a possibilidade de se "misturar" à vida social do bar sem maiores estranhamentos e é também normal à esses irem sozinhos ao bar, enquanto que as mulheres vão sempre acompanhadas. Também foi fundamental para essa interpretação o fato de as duas mulheres que freqüentam a parte interna do bar serem mulheres que fogem do padrão comum das outras que também vão ao estabelecimento. Enquanto uma delas é a esposa do Jorge, percebida pelos freqüentadores como portadora de uma atitude masculina, a outra era uma mulher que, de acordo com os fregueses, "vivia na rua", seja fazendo ponto, na boca de fumo ou na oficina.

Também quando refletido na oposição entre homens e mulheres, o consumo alcoólico é entendido como uma prática preferencialmente masculina. Contudo, não verifiquei uma descriminação das mulheres que vão ou bebem no bar. Não há por parte dos homens que freqüentam o Bar do Morro nenhuma acusação de estigma imposto sobre elas.

Apesar de o bar ser concebido como um espaço para a sociabilidade entre homens, não surgiu nessa sociabilidade um único padrão de masculinidade hegemônico. Um dos principais elementos abordados nesse capítulo que configuram as masculinidades, a noção de autocontrole, dá margem a diferentes comportamentos, atitudes e práticas. Isso, por sua vez,

dá forma a diferentes modos de conceber a masculinidade, configurando relações distintas com as bebidas alcoólicas.

O autocontrole foi percebido como sistemático para abordar a masculinidade pelo modo como é posicionado nas distinções entre os gêneros. Entretanto, isso não implica que todos os homens tenham uma definição idêntica do que ele seja e de como deve configurar um modo de beber. Pelo contrário, a forma como essa noção é interpretada configura relações diferentes, e inclusive opostas, com o álcool. Isso foi evidenciado tanto nos discursos dos homens que somente bebem no bar, quanto aos que dão preferência ao consumo caseiro, referida também tanto por aqueles que bebem cachaça como por aqueles que preferem a cerveja. Já o trabalho foi percebido como elemento central na configuração de uma identidade masculina. Há constantes negociações acerca do seu valor e qual o tipo de emprego mais "digno". Isso faz com que muito da relação de um indivíduo com a bebida dependa de como vai ser interpretada sua a relação com o trabalho.

Nesse capítulo descrevi em linhas gerais como se dá a relação entre homens e mulheres no Bar do Morro. Dentro disso se percebeu como as diferenças de gênero organizam o espaço do bar e também como configuram as diferenças e semelhanças entre o consumo alcoólico e as preferências por bebidas. Abordei os principais elementos que conformam as masculinidades do bar, dando atenção aos diferentes modos em que emergem nas práticas e nos discursos. Através disso, percebi algumas distinções estabelecidas entre os gêneros e como elas estruturam as relações dos homens e mulheres com a bebida, definindo prescrições e proscrições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi compreender o consumo de bebidas alcoólicas a partir das regras que as pessoas criam sobre o beber. Para isso, se pensou o uso de bebidas nas suas relações com a sociabilidade, o jogo de sinuca e os ideais de masculinidade. Esses foram os elementos mais significativos percebidos em campo em jogo nos modos de consumo alcoólico entre as pessoas que freqüentam o Bar do Morro. Assim, o esforço foi relacioná-los à problemática central do presente estudo, que faz referência às prescrições e proscrições nas relações entre homens e bebidas. Contudo, as regras sobre o beber que esses elementos conformam não estão para essas pessoas como medidas restritivas. Pelo contrário, são as formas encontradas por elas para dar significado à prática social do consumo de bebidas alcoólicas.

Essa perspectiva se aproxima das propostas de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) para uma antropologia do consumo. Para os autores, o consumo é tanto gerador de cultura como cultural por condição. Consumir bebidas alcoólicas, como qualquer ato de consumo na proposta de Douglas e Isherwood, possui a qualidade ritual de fixar significados. Portanto, ir ao bar, jogar sinuca, beber e pagar bebidas para outras pessoas é uma forma dar sentido as coisas, pessoas e acontecimentos: "o consumo usa os bens para tornar firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluídos de classificar pessoas e eventos" (Douglas; Isherwood 2004:115). Nesse sentido, consumir bebidas alcoólicas é um esforço para criar fronteiras simbólicas. Ao construir uma específica forma de beber, as pessoas que freqüentam o Bar do Morro também estão classificando: criam um tempo de lazer, definem uma forma particular de valorizar o trabalho, constituem o que é ser homem e demarcam a inclusão em uma sociabilidade "de bar".

Esses significados, por sua vez, não são estáticos. Essas pessoas não possuem um esquema rígido de classificação através do qual julgam relações entre homens e bebidas. Pelo contrário, são os valores que estruturam as maneiras de beber que são constantemente avaliados. Há múltiplas interpretações do que é ferir a sociabilidade, assim como há constantes negociações sobre o que é ser "homem" e de como isso implica na definição de um tempo de lazer. E o mesmo é válido para outros aspectos importantes que conformam essas maneiras de beber. Como propõe Sahlins (1992), a cultura não é um sistema fechado em si mesmo. De acordo com o autor, a "estrutura" se altera quando os indivíduos colocam os significados "em risco" através de suas ações práticas. Por meio de suas constantes avaliações, a cultura é reinventada a partir de si própria.

No esforço de compreender as positividades e negatividades do beber, se percebeu, assim como notou Guedes (1997), que importa menos a quantidade de bebida ingerida do que suas implicações. De acordo com a autora, para as camadas populares os limites do beber estariam na perda do papel de "homem trabalhador" enquanto provedor da família. Nessa perspectiva, é na relação entre indivíduo e sociedade que estão as fronteiras para o consumo de bebidas alcoólicas.

A etnografia que desenvolvi apontou para uma interpretação em outro sentido, não oposta, mas complementar. Para as pessoas que freqüentam o Bar do Morro, o tempo e o espaço próprios do bar também criam e são pertinentes para a construção de concepções sobre o beber. Para esses indivíduos, os limites, os excessos ou as fronteiras nas suas relações com o álcool não se fazem presentes somente na forma como se apresentam para a sociedade. Assim, para compreender a prática social de beber também tive que atentar para os elementos que dizem respeito especificamente ao interior do bar e às pessoas que o freqüentam.

É nesse sentido que essa sociabilidade específica, entre pessoas que habitam o mesmo bairro e freqüentam o mesmo bar, surgiu como um valor fundamental que vai qualificar as maneiras de beber. Na medida em que ela é a condição para o consumo de bebidas alcoólicas, ela também é o seu limite. Também é através da habilidade na sinuca, um jogo que tem um papel muito particular no cotidiano do Bar do Morro, que se estabelecem formas de interpretar e acusar quem bebeu indevidamente.

Como espécie de *bricoleurs,* a partir de elementos diversos e fragmentados, essas pessoas constroem algo novo: suas próprias concepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Por meio desses entendimentos também são elaboradas formas particulares e específicas de lidar com os problemas que uma maneira cotidiana de beber possa lhes trazer.

Criativamente, essas pessoas criam trajetórias alternativas nas suas relações com o álcool. É nesse sentido que a sinuca se apresenta como uma prática disponível àqueles que querem diminuir ou parar com a bebida. É também assim com as acusações, muitas vezes hostis e agressivas, dirigidas àqueles mais problemáticos nas suas formas de consumo alcoólico: tudo é feito no sentido de chamar-lhes a atenção de que algo está errado em suas formas de beber.

Tudo isso contribui para que o termo "alcoolismo" não tenha sentido nessa sociabilidade. Suas experiências com o álcool estão fundadas em outros domínios culturais. Os riscos associados ao consumo diário de bebidas não estão assentados em uma perspectiva médica ou clínica. Logo, não será esse o meio procurado por essas pessoas para resolverem

seus problemas com o álcool. Às vezes, uma pequena observação de um colega de bar pode ter mais sentido do que toda uma mobilização familiar ou institucional.

Ao elaborar o título dessa monografia, “Proibido pra Chato”, lembrei das afirmações de Geertz (2009) sobre a natureza do esforço antropológico. Para o autor, entender o significado de uma prática cultural está próximo de “compreender o sentido de um provérbio”, “entender uma piada” ou “interpretar um poema”.

Conversando com Gérson sobre as bebidas e sobre os bebedores, me chamou a atenção uma frase sua: “todo bêbado é chato”. Ela me remeteu diretamente a placa dependurada no balcão do bar: “canto do bebum - proibido pra chato”. Essa placa alude ao momento lúdico e descontraído que se espera desfrutar no bar. Já o “chato” a que Gérson faz referência é aquele que, devido às bebidas alcoólicas, incomoda e aborrece os outros fregueses. É a essa interpretação que o título faz referência. Àquele que é divergente nos modos de beber e perturba o momento prazeroso que as outras pessoas buscam no bar.

Contudo, múltiplos mecanismos são desenvolvidos no Bar do Morro para evitar as pessoas se tornem chatas. Todos os esforços são feitos para isso. É nesse sentido que o bar é proibido para elas. A positividade da relação social sempre deve estar acima dos conflitos que ela faz surgir. O “bêbado” não é chato na medida em que isso se concretiza por meio de suas formas de beber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZUGUIR, Fernanda de Carvalho Vecchi. *Moralidade, Vergonha e Doença*: *a carreira moral de homens e mulheres alcoólatras*. 2010. Tese de Doutorado. Orientadora: Rohden, Fabíola. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. Programa e Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 2010.

BADCOCK C. R. *Lévi Strauss: estruturalismo e teoria sociológica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1976.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas.* São Paulo, Global. 1987.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo.* Rio de Janeiro, Graal. 1979

BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro, Alves. 1976.

COSTA, Rosely G. Da. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In: ALMEIDA, H. B. De et al (orgs.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista, EDUSF. 2002.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco. 1997.

DIAS, Laércio Fidelis. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os povos indígenas do Uaça. In: *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador, Edufba. 2008.

DOUGLAS, Mary (org.). A distinctive anthropological perspective. In: *Constructive drinking. Perspective on drink from anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press. 1987.

DOUGLAS, Mary. *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, UFRJ. 2004.

DUARTE, Luiz Fernando. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1986.

FIORE, Maurício. *Algumas reflexões sobre os discursos médicos sobre o uso de "drogas".* Encontro anual associação nacional pós-graduação e pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, MG. São Paulo, ANPOCS. 2002. Disponível em: http://siteantigo.neip.info/downloads/anpocs.pdf

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro, Editora LTC. 1989.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local – novos ensaios em antropologia interpretativa.* Rio de Janeiro, Vozes. 2009.

GOLDMAN, Márcio. *Alguma Antropologia.* Rio de Janeiro, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo.* Niteroi. EDUFF, 1997.

JARDIM, Denise Fagundes. Comentário em: NEVES, Delma Pessanha. *Alcoolismo: acusação ou diagnóstico*? Cad. Saúde Pública. v.20, n.1, jan./fev. 2004.

JARDIM, Denise Fagundes. *De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares.* 1991. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Leal, Ondina. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 1991.

LOPES, Adriana D.; MAGALHÃES, Naiara. *A Bóia da Prevenção*. Veja. São Paulo, ano 42, n. 36, p.86-93, set. 2009.

MAGANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.15, n.32, julho/dezembro 2009

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedaço*. São Paulo, Brasiliense. 1984.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosacnaify. 2003.

MONTEIRO, Marko. Sujeito, gênero e masculinidade. In: ALMEIDA, H. B. De et al (orgs.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista, EDUSF. 2002.

NEVES, Delma Pessanha. *Alcoolismo: acusação ou diagnóstico*? Cad. Saúde Pública. v.20, n.1, jan./fev. 2004.

NEVES, Delma Pessanha. *O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais*. BIB. São Paulo. n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, RJ. Vozes. 2003

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1990.

SANTOS, Fernando S. Dumas dos. Alcoolismo: algumas reflexões acerca do imaginário de uma doença. In: *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.3, n. 2, 1993.

SILVA, Machado Luiz A. O Significado do Botequim. In: KOWARICK, Lúcio. (Org.). *Cidade: usos e abusos.* São Paulo, Brasiliense. 1978.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Editora Ática. 1983.

VELHO, Gilberto (org). *Desvio e Divergência. Uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1985.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura sociológica.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1978.